



**RELATÓRIO  
DA OFICINA DE FORMAÇÃO/EDUCAÇÃO  
EM ECONOMIA SOLIDÁRIA  
DA REGIÃO SUL**

POR: VERA LÚCIA HOFFMANN PIERITZ  
CARINA SOARES

REVISÃO: EDINARATEREZINHA DE ANDRADE

FEVEREIRO/2007

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>03</b>
<b>2 DESCRIÇÃO DA OFICINA DE FORMAÇÃO DA REGIÃO SUL .....</b>	<b>04</b>
<b>3 ABERTURA .....</b>	<b>04</b>
<b>3.1 DIA 07/02/07 (PERÍODO MATUTINO): .....</b>	<b>05</b>
3.1.1 Pauta:.....	05
3.1.2 Paineis .....	06
3.1.3 Formação e estratégia política para o movimento de ES: FBES .....	06
3.1.4 Política Pública de formação em ES: SENAES .....	07
3.1.5 Os desafios da formação/educação em economia solidária no Brasil .....	10
<b>3.2 DIA 07/02/07 (PERÍODO VESPERTINO): .....</b>	<b>13</b>
3.2.1 Pauta: .....	13
3.2.2 Socialização das experiências. ....	14
<b>3.3 DIA 07/02/07 (PERÍODO NOTURNO): .....</b>	<b>29</b>
3.3.1 Pauta: .....	29
3.3.2 Relato de uma experiência nacional de formação: a Experiência do MST.....	29
<b>3.4 DIA 08/02/07 (PERÍODO MATUTINO): .....</b>	<b>32</b>
3.4.1 Pauta: .....	32
3.4.2 Plenária – Apresentação e debates do trabalho dos grupos.....	32
<b>3.5 DIA 08/02/07 (PERÍODO VESPERTINO): .....</b>	<b>32</b>
3.5.1 Pauta: .....	32
3.5.2 Grupos temáticos. ....	33
3.5.2.1 Grupo 1 – Princípios para a formação em economia solidária .....	33
3.5.2.2 Grupo 2 – Conteúdos .....	34
3.5.2.3 Grupo 3 – Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular) .....	36
3.5.2.4 Grupo 4 – Relação com as políticas públicas .....	38
3.5.2.5 Grupo 5 – Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores.....	38
3.5.3 Plenária.....	39
<b>3.6 DIA 09/02/07 (PERÍODO MATUTINO): .....</b>	<b>43</b>
3.6.1 Pauta: .....	43
3.6.2 Contribuições para a elaboração de uma estratégia nacional de formação/educação em ES: Trabalhos em Grupos: subsídio Documento Final da Primeira Conferência Nacional de ES .....	43
3.6.3 Plenária .....	47
3.6.4 Avaliação e Encaminhamentos para o Encontro Nacional .....	47
<b>ANEXOS .....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No esforço para melhoria e aplicação dos princípios de Economia Solidária, tem a “*Oficina de Formação/Educação em Economia Solidária da Região Sul*” como mediador do processo de desenvolvimento e sociabilização de experiências correlacionadas à formação em economia solidária, para assim fornecer subsídios estratégicos para a construção de novas relações sócio-econômicas, proporcionando melhoria na qualidade de vida, demonstrando assim a sua força transformadora.

O objetivo principal deste documento é compartilhar uma síntese das reflexões e propostas elaboradas nesta oficina realizada no Município de Governador Celso Ramos - SC, de 07 a 09 de fevereiro de 2007, no Centro Adventista de Treinamento – CATRE. Com a participação de aproximadamente 30 pessoas, na sua maioria formadores, integrantes de empreendimentos econômicos solidários ou de organizações de apoio a essas iniciativas, que desenvolveram projetos de formação em economia solidária.

É importante destacar que toda estrutura (hospedagem, transporte, alimentação, material didático, sala de convenções) utilizada pelo encontro foi coordenada pela Script.

Vale assinalar que, embora mediados por um trabalho participativo, cooperado e solidário a oficina de formação foi coordenada pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Edinara Terezinha de Andrade<sup>1</sup> (representante das Incubadoras - SC), que conduziu os trabalhos de forma a proporcionar os resultados contidos neste documento.

Essa Oficina teve por objetivos: socializar e debater experiências de formação em economia solidária; contribuir para definir estratégias de formação em economia solidária e; elaborar uma estratégia de formação para lideranças e mobilizadores que atuam nos Fóruns Estaduais.

Um grande mérito do encontro foi à participação ativa dos formadores, integrantes de empreendimentos econômicos solidários e de organizações do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no qual se desenvolveu com o propósito de transmitir experiências vividas pelos integrantes do mesmo.

A metodologia de ação empregada na Oficina foi composta por grupos de trabalhos, dinâmicas (apresentação, avaliação), sessões plenárias, mostras de experiências da Região Sul do Brasil. É importante destacar que todos esses momentos foram primordiais para o desenvolvimento desse documento que sistematiza todo o processo além dos resultados alcançados por cada grupo de trabalho, que foram apresentados, discutidos e avaliados em plenária.

Uma contribuição interessante foi que a oficina desencadeou momentos de grande reflexão sobre as diversas maneiras do agir cotidiano, conectado com práticas e lutas do dia-a-dia de todos os integrantes do encontro, por meio da troca efetiva das experiências humanas, associativas e empreendedoras, possibilitando assim um entendimento que houve fortalecimento, renovação das energias tanto das entidades e grupos como dos empreendimentos solidários, a fim de demonstrar a importância e urgência do desenvolvimento da Formação/Educação em Economia Solidária no Brasil.

Diante do concentrado e elevado debate correlacionado a Formação/Educação em Economia Solidária, o presente documento apresenta uma breve descrição de todo o processo, perpassando por considerações a despeito da descrição da Abertura do Encontro/oficina, com sua dinâmica de apresentação e aprovação da pauta dos trabalhos, dos debates e resultados parciais dos grupos de trabalhos e dos relatos dos painéis referentes aos desafios da formação/educação em economia solidária no Brasil, a formação e estratégia

---

<sup>1</sup> Assistente Social (UFSC), Mestre em Sociologia Política (UFSC), Doutora em Ciência Política (UFRG), Professora do Departamento de Serviço Social da FURB. Pesquisadora do Instituto de Pesquisas Sociais (IPS), coordenadora da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB). ([itcp@furb.br](mailto:itcp@furb.br); [edinara@furb.br](mailto:edinara@furb.br))

política para o movimento de ES, Política Pública de formação em ES: SENAES, e Relato da experiência nacional de formação do MST.

## 2 DESCRIÇÃO DA OFICINA DE FORMAÇÃO DA REGIÃO SUL

Considerando-se as evidências discutidas na parte inicial deste documento, descreveremos na seqüência uma síntese cronológica das reflexões e propostas elaboradas pelos formadores, integrantes de grupos, instituições e empreendimentos econômicos solidários na “Oficina de Formação/Educação em Economia Solidária da Região Sul”.

## 3 ABERTURA

A abertura da “Oficina de Formação/Educação em Economia Solidária da Região Sul” iniciou-se após um atraso de uma hora com:

**a) Boas Vindas a todos e todas:** aclamado solenemente pela coordenação do encontro, através da profª. Dra. Edinara Terezinha de Andrade.

**b) Dinâmica de apresentação:** ministrada pela coordenação do encontro, na pessoa da Profª. Dra. Edinara Terezinha de Andrade. Iniciando com a explicação do funcionamento da mesma. No qual todos(as) os(as) participantes da oficina deveriam escrever uma palavra na cartolina, especificando o que significava o encontro para cada um/uma. Depois todos(as) deveriam circular e encontrar uma outra pessoa com uma palavra semelhante e conhecer esta pessoa para depois apresentá-lo aos demais. E assim foi realizado.

Após cada um/uma apresentar o seu parceiro(a), especificando o nome, instituição que representa e localidade do mesmo, obtivemos uma serie de significações subjetivas e coletivas na realização desta oficina.

Palavras apresentadas: conhecimento, construção, troca, intercâmbio, cooperação, solidez, capacitação, transformação, crescimento, sustentabilidade, parada-crescimento, solidariedade, oportunidade, experiência, justiça social, coletividade, enriquecimento de experiências. (Vide anexo III)

**c) Apresentação da Programação:** apresentado pela coordenação do encontro, através da Profª. Dra. Edinara Terezinha de Andrade e aprovada por todos(as) os/as integrantes da oficina.

### Pauta:

	Horas	Atividade	Responsável
1º dia 07/02/07 (Manhã)	9:00 as 12:30	Boas Vindas e Apresentação da Programação e dos Participantes	Edinara T. Andrade
		<b>Panel:</b>	
		Formação e estratégia política para o movimento de ES: FBES	Idalina Maria Boni
		Política Pública de formação em ES: SENAES	Valmor Schiochet
		Os desafios da formação/educação em economia solidária no Brasil	Elisabete Tamanini
1º dia 07/02/07 (Tarde)	14:00 as 18:00	<p><b>Socialização das experiências.</b> Os participantes deverão relatar as suas experiências considerando as contribuições que as mesmas apresentam no que diz respeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Princípios para a formação em economia solidária</li> <li>• Conteúdos</li> <li>• Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular)</li> <li>• Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores.</li> <li>• Relação com as políticas públicas</li> </ul> <p><b>Critério para Composição dos Grupos</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Tipo de experiência (formação de formadores/multiplicadores ou</li> </ol>	

		<p>formação/educação para trabalhadores/as e empreendimentos)</p> <p>2. Reunir os grupos conforme: tipo de público ou distribuição geográfica (mesclar os três estados)</p> <p>3. Máximo de seis experiências por grupo</p>
<b>1º dia</b> <b>07/02/07</b> <b>(Noite)</b>	<b>19:30 as</b> <b>21:00</b>	Relato de uma experiência nacional de formação: a Experiência do MST
<b>2º dia</b> <b>08/02/07</b> <b>(Manhã)</b>	<b>8:30</b> <b>as 12:00</b>	Plenária – Apresentação e debates do trabalho dos grupos Obs. Os relatores dos grupos farão o relato do resultado dos trabalhos em grupos que serão comentados pelo facilitador (Maria Clara) e por um representante de empreendimento e após seguir-se-á ao debate em plenário
<b>2º dia</b> <b>08/02/07</b> <b>(Tarde)</b>	<b>14:00 as</b> <b>16:00</b>	<b>Grupos temáticos.</b> – <b>Material da oficina nacional - propor alterações ao documento da Primeira oficina Nacional a luz do debate das experiências apresentadas</b> - Os acúmulos e principais desafios da educação/formação em economia solidária. Grupo 1 – Princípios para a formação em economia solidária Grupo 2 – Conteúdos Grupo 3 – Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular) Grupo 4 – Relação com as políticas públicas Grupo 5 – Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores.
	<b>16:30 as</b> <b>18:30</b>	<b>Plenária</b>
<b>3º dia</b> <b>09/02/07</b> <b>(manhã)</b>	<b>8:30</b> <b>as 10:00</b>	- Contribuições para a elaboração de uma estratégia nacional de formação/educação em ES Trabalhos em Grupos: subsídio Documento Final da Primeira Conferência Nacional de ES
	<b>10:30 as</b> <b>12:00</b>	Plenária
	<b>12:00 as</b> <b>13:00</b>	Avaliação e Encaminhamentos para o Encontro Nacional
<b>3º dia</b> <b>09/02/07</b> <b>(Tarde)</b>	<b>LIVRE</b>	(Sugestão visita a Ilha de Inhatomirim)

### 3.1 DIA 07/02/07 (PERÍODO MATUTINO):

#### 3.1.1 Pauta:

	<b>Horas</b>	<b>Atividade</b>	<b>Responsável</b>
<b>1º dia</b>	<b>10:30</b>	Boas Vindas e Apresentação da Programação e dos Participantes	Edinara T. Andrade
	<b>11:00</b>	<b>Painel:</b>	
	<b>11:00</b>	Formação e estratégia política para o movimento de ES: FBES	Idalina Maria Boni
		Política Pública de formação em ES: SENAES	Valmor Schiochet
	<b>11:30 as 12:30</b>	Os desafios da formação/educação em economia solidária no Brasil	Elisabete Tamanini
	<b>13:00</b>	Almoço	

#### 3.1.2 Painel

Após as boas vindas e apresentação da programação e dos participantes, a Prof<sup>a</sup>. Dra. Edinara Terezinha de Andrade convidou a todos(as) para prestigiar as apresentações dos três painéis que incitariam as reflexões e trabalhos subsequentes.

### 3.1.3 Formação e estratégia política para o movimento de ES: FBES

Palestrante: Idalina Maria Bonf<sup>2</sup>

Primeiramente deu boas vindas a todos(as), além de comentar que em cada encontro se encontra gente nova, deixando a entender que este desafio é importante, faz parte do crescimento e não é assustador.

Prosseguindo ela comentou que o Fórum se articulou junto com a SENAES. A função do Fórum brasileiro é que a população da sociedade civil junto com o modelo faz uma articulação diferente da ES, onde temos a participação de todos, realizando as discussões em conjunto. Não é uma coisa que o movimento se organiza para fazer a revitalização do modelo, sentamos juntos para discutir. Com isso temos a representação de gestão no governo, a questão da identidade e dos empreendimentos. Que os empreendimentos tenham mais peso e participação, pois são eles que fazem a história da ES acontecer.

Falou da importância destas identidades na capacidade de favorecer, de articular, de criar e de transferir os conhecimentos que tem entre as instituições. O governo também tem este caminho de levar o conhecimento das reivindicações do movimento para formular as Políticas Públicas.

Precisamos que a ES seja uma outra alternativa, e quanto mais construirmos Políticas Públicas que tenham base neste movimento, melhor será.

A Conferência tem uma grande importância, ademais depois das discussões dentro do Fórum, no qual ele avançou muito, pois com toda demanda, o governo popular que abre espaço. Considerando que o Fórum conseguiu fazer com que o governo captasse através de suas reivindicações, principalmente o mapeamento, mas que, ainda tem muitos problemas, limites em uma série de coisas, mas tem um grande histórico no movimento, tem que reaprender uma série de coisas, tem um histórico de construção que deu a nossa cara, da Conferência, do GT, que respondem as demandas dos empreendimentos, tais como, por exemplo: marco jurídico, formação, (a formação e um grande desafio). Vale dizer que este processo é um processo formativo e constante.

Fui representante de Santa Catarina durante dois anos, hoje saí, e quem está representando SC no Fórum Brasileiro é a Patrícia da ANTEAG (entidade), a Dona Antonia, que é de uma cooperativa de empreendimentos urbanos de Chapecó e o seu Alexandre, que é representante dos empreendimentos rurais, que é de Indaial. Mas a coordenação do Fórum é realizada por representantes que a gente elege. Mas, nós é que devemos fazer isto acontecer nos nossos Estados e Municípios.

O que devemos pensar, e que é um grande desafio, é que todas estas coisas fazem parte de um processo de formação.

Torna-se importante destacar que está acontecendo uma reformulação do Fórum, no qual estão indagando qual o caminho do Fórum agora? Qual o papel do conselho nacional de ES? Que papéis que complementam, qual é o caminho que a gente tem? E o que estamos buscando? Diante disso devemos procurar outras alternativas de formação e comunicação.

Discutiram uma proposta de como fazer parte do Conselho, e como a gente avança nas discussões dentro deste conselho correlacionado a comunicação e formação/educação. Como fazer isto? Isto é um grande desafio.

---

<sup>2</sup> Graduação em Administração de Empresas pela Universidade do Vale do Itajaí (1997). Atualmente é sócia gerente - MS Fios e Fitas Ltda - FIO NOBRE. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de empresas coletivas, dentro da Economia Solidária. Componente da coordenação da Cadeia Produtiva Solidária do Algodão Agroecológico, atuante junto aos Fóruns de articulação estadual e nacional da Economia Solidária. Participação em mesas de dos Fórum Social Mundial na Índia em 2004, Porto Alegre 2005 e Venezuela 2006. Tem participação em diversos eventos na área social e da economia solidária dentro do Brasil. [idalinaboni@ibest.com.br](mailto:idalinaboni@ibest.com.br) - [fionobre@terra.com.br](mailto:fionobre@terra.com.br)

Ela enfatizou que os documentos desenvolvidos pelo movimento podem e devem fazer parte ativa da formação e conhecimento, e que não sirvam apenas como mais um documento em uma gaveta, ou que sejamos somente mais um numa lista. Reforçou que devemos se sentir parte do Fórum, do movimento. E o foco é isto – comunicação e formação. Além de que precisamos fazer um processo de conquista para poder avançar.

### **3.1.4 Política Pública de formação em ES: SENAES**

Palestrante: Valmor Schiochet<sup>3</sup>

Em nome da equipe da secretaria, gostaria de contribuir um pouco, neste desafio, nesta oficina, mas que o nosso ponto de vista é apenas uma das atividades que está no contexto deste processo que é mais amplo.

Estamos fazendo um balanço da SENAES referente à ES, sendo elaborado alguns documentos e textos. E um dos temas é a questão da formação, os mesmos estão na pasta.

Estamos com um desafio neste processo em conciliar duas coisas:

1) Encontrar as especificidades da formação, da educação e divulgação da ES, enquanto identidade. Sendo que fazemos parte de uma trajetória, da qual é muito comum sabermos que tudo é formação. Todo o processo escolar, todas as atividades humanas são formativas, educativas. No entanto há uma construção específica há respeito da formação da educação, ou seja, há uma certa autarquia desta questão em relação ao conjunto de outras questões da nossa construção histórica, das nossas ações, do nosso movimento, dos nossos encontros, e assim por diante. Pois todo o processo histórico e humano são processos formativos e educativos.

Uma das prioridades da SENAES é a formação, mas nunca se constituiu na arena política de forma mais organizada este debate sobre esta problemática. Mesmo partindo do pressuposto histórico. E a maior parte das entidades envolvidas no processo de discussão do movimento de mobilização da ES tem a especificidade institucional na formação, no acompanhamento e assim por diante. (esta é uma questão)

2) Olhando um pouco a organização dos Fóruns, os Fóruns mais representados tem mais GT's (grupos de trabalho). Nenhum deles centrado nesta temática, com exceção o Fórum do Rio Grande do Sul.

Então há uma contradição, que nós precisamos aprofundar. E que a temática de formação e educação é prioritária, mas não conseguimos organizar este debate de forma mais articulada no âmbito da economia solidária. E este é um desafio.

Como é que a gente vai, de forma mais organizada, internalizar que tudo é formação. Há especificidade desta questão, da educação, da formação relacionada com a ES.

Isto dialoga com questões mais específicas que iniciaram na oficina de 2005 em Brasília, que procuramos reunir quarenta experiências de formação. E a partir delas construir uma primeira síntese (que estão no caderno impresso).

As oficinas regionais não eram os focos norteadores deste processo e sim as experiências do Rio Grande do Sul, de um processo mais sistemático deste acúmulo histórico da formação em ES.

Quem está lá dentro da secretaria não percebe no movimento uma ação mais organizada, mais articulada nesta perspectiva. E isto é uma contradição. Esta priorização e que há um processo histórico que estão colocando esta priorização se efetivando.

---

<sup>3</sup> Graduação em Estudos Sociais pelo Fundação Educacional de Brusque (1984) , mestrado em Sociologia Política (UFSC - 1988) e doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília (1998) . Atualmente é do quadro da FURB e Diretor do Ministério do Trabalho e Emprego. Tem experiência na área de Sociologia , com ênfase em Outras Sociologias Específicas. Atuando principalmente nos seguintes temas: Sociedade Civil, individualismo, interesse, pensamento social, movimentos sociais e reciprocidade social. Diretor de Estudos e Divulgação - MTE/SENAES. [valmor.schiochet@mte.gov.br](mailto:valmor.schiochet@mte.gov.br)

Então estes arranjos nas oficinas, se apresentam como ponto intermediário entre uma ação mais racional (que têm todos os limites da dramaticidade, dimensão, diversidade, e assim por diante), e um processo concreto, territorial (a partir das experiências concretas) de sistematização.

Mas precisamos avançar no dialogo com outras questões, autores e políticas. Sendo que o que nos chama atenção, no sentido de pontuar, que na SENAES tem por primeira definição (restritiva), num sentido que no âmbito das estruturas dos Estados brasileiros, não compete à secretaria a política de formação, pois ela seria uma política associada com outros arranjos institucionais, seja a qualificação, a formação do âmbito social profissional (Plano Nacional de Qualificação), seja toda expurgação da política de elevação da escolaridade, relacionada a qualificação profissional. Que é a questão da educação para jovens e adultos e todos os outros problemas que estão alocados no Ministério da Educação.

Isto diz respeito que nós temos um dilema: ao mesmo que precisamos avançar: 1) no processo de sistematização, encontrar as especificidades, particularidades relativos à autonomia da formação e educação de ES, associado à construção do movimento de ES, do processo político, com mais articulações políticas e criação de consensos. E isto deve ser agregado na construção de políticas de formação em ES.

Estamos propondo que a oficina se centrasse no processo de sistematização e troca das experiências.

Focos almejados para a Oficina:

- 1) Construção política do movimento da ES;
- 2) Construção das Políticas Pública de ES.
- 3) E como a ES dialoga com os arranjos institucionais, obtendo a capacidade de transformação das estruturas do Estado para que possam avançar nas políticas de ES, com o ponto de vista da formação.

A partir de nossas experiências, devemos focar em alguns eixos:

- a) Articulação com outros programas e ações de educação, que dialogam com outros autores. Com aproximação do Fórum Nacional de ES com os Fóruns Estaduais de jovens e adultos.
- b) A aproximação da ES, da formação em ES como uma especificidade – que é o conceito de empreendimento (que devem compreender nas transformações do mundo de trabalho). A questão do emprego, trabalho e renda. Cujos atores de gestão do Plano Nacional de Qualificação não é o Fórum Brasileiro, nem a SENAES. É uma concentração tripartite, entre empresários, trabalhadores e o governo.

A questão que precisamos enfrentar: 1) Como o Sistema Nacional de ES vai dialogar com o Sistema Nacional de Emprego, Trabalho e Renda. 2) Precisamos associar o debate pedagógico com a questão da construção política.

A oficina é um primeiro momento de colocar as experiências contextualizadas num processo formativo com as ações políticas, de governo.

Espero que a oficina possa contribuir com a primeira grande síntese destas questões (a partir da oficina de 2004 e oficinas regionais). Além de que a formação de ES deve ser vista como um eixo norteador nas experiências práticas.

Para finalizar, do ponto de vista de uma construção de uma política, devemos levar em consideração a Conferencia Nacional de ES que permitiu um primeiro consenso sobre proposições a respeito das expectativas sobre a formação em educação em ES. E sua relação com a assistência técnica e inovação tecnológica.

A Conferencia Nacional de ES dá ao Conselho Nacional de ES a tarefa de colocar, debater sobre os mecanismos de implementação destes mecanismos.

No campo da contribuição da SENAES, o desafio que temos e que estamos assumindo, que o tema, a questão da formação passa a ser estrutura da própria ação da Secretaria. Como um eixo da estruturação da política, de apoio a ES.

Para que isto avance, vai depender:

1) Do fortalecimento desta questão no âmbito do movimento. A reestruturação e aprovação na questão da educação seja elemento da estruturação do próprio movimento da ES.

2) A capacidade de estabelecer consensos sobre a Política da formação. E como ela dialoga com as experiências concretas.

3) A construção de uma rede nacional de formadores e educadores de ES. Não é o e-groups, isto está sendo estudado, como construir isto, qual o formato? São as pessoas ou são as entidades?

Devemos construir um centro de referência em ES, para dar mais vivacidade ao debate. Firmando a ES perante as políticas do Estado brasileiro, em outras bases, sem ser as clássicas.

### **Debate:**

**Fala 01:** José Inácio Konzen: Falou sobre a atuação da SENAES na questão da formação, principalmente que sejam levadas em consideração às experiências do movimento. Indagando: **Como a SENAES está pensando (uma estratégia) para colocar em prática a formação da educação em ES?**

**Fala 02:** Fernando Anízio (ASA): **qual e o objetivo do processo de formação em ES?** Para depois saber o que fazer depois.

**Fala 03:** Marly Batista Oliveira (Curitiba): Com relação à formação que é um foco emblemático. Falou sobre os projetos de lei referente à formação em ES. O projeto de Curitiba já foi aprovado. A questão é: **o que é formação em ES?** Um formato, um modelo.

**Fala 04:** Edinara Terezinha de Andrade (ITCP/FURB): os gestores públicos não sabem o que é ES, e alguns empreendimento também. Quentão: **como levar a formação a estes gestores e empreendimentos?**

**Fala 05:** Valmor Schiochet: a nossa visão é que conseguimos nos últimos quatro anos consensuar politicamente uma compreensão nacional do que seja ES. Resultado do processo do mapeamento e todas as discussões realizadas, para tornar possível o processo do mapeamento. E consolida-se pelo fórum social mundial. E se reafirma fundamentalmente o acordo em torno da compreensão sobre o Sistema de Informação em ES. Disputemos a hegemonia nacional com as classes dominantes, principalmente na academia sobre a compreensão a ES. Disputa na sociedade. Sem acumular forças, não iremos avançar. O processo é lento. Mas temos que encontrar nossos eixos.

### **3.1.5 Os desafios da formação/educação em economia solidária no Brasil**

Palestrante: Elisabete Tamanini<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Educadora Popular. Atualmente desenvolve trabalhos no Mestrado em Educação em Lages. Possui uma vasta experiência em educação popular e comunitária (Método Paulo Freire). Faz parte do GT de Educação popular que tem na Associação Nacional de Pós Graduação em Educação Popular – ANPED.

Apresentou seu currículo. Tem uma historia de 23 anos em educação, e experiências em educação comunitária.

Pensar em formação para a classe trabalhadora.

Venho pensando a educação popular e do campo de modo mais específico nas universidades, fazendo uma relação direta de como os trabalhadores, nos movimentos de estudantes, em orientações em TCC's e Dissertações.

Algumas provocações:

Introdução com uma música: Luar do sertão – Maria Bethânia.

<i><b>Luar do Sertão</b></i>		<b>Maria Bethânia</b>
Composição: João Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense		
<p>Ai, que saudade do luar da minha terra          Lá na serra branquejando          Folhas secas pelo chão          Este luar cá da cidade tão escuro          Não tem aquela saudade          Do luar lá do sertão</p> <p>Não há, oh gente, oh não          Luar como este do sertão          Não há, oh gente, oh não          Luar como este do sertão</p> <p>Se a lua nasce por detrás da verde mata          Mais parece um sol de prata          Prateando a solidão          E a gente pega na viola que ponteia          E a canção e a lua cheia          A nos nascer do coração</p> <p>Coisa mais bela neste mundo não existe          Do que ouvir-se um galo triste          No sertão, se faz luar</p> <p>Parece até que a alma da lua é que descanta          Escondida na garganta          Desse galo a soluçar</p> <p>Ai, quem me dera que eu morresse lá na serra          Abraçada à minha terra          E dormindo de uma vez          Ser enterrada numa grota pequenina          Onde à tarde a surunina          Chora a sua viuvez.</p>		

Esta musica foi exibida para demonstrar a importância de criar uma identidade que seja capaz de transcender lugares, fronteiras, que seja capaz de universalizar os ideais que vem sendo construídos, e romper um modelo, que não é o que desejamos. E desejo que este hino, seja como um hino brasileiro, da natureza, uma luz independente de onde ela surge. E que sirva de inspiração na construção, transformação, definição de identidades, produção de processos revolucionários. Mas precisamos ter um caminho, definindo identidades, para que estas identidades possam marcar passo a passo a nossa trajetória e produzir processos

revolucionários. A gente é tudo, mas também não é nada. Nosso processo é repleto de transformações constantes, e devemos aproveitar as oportunidades para obter aprendizado.

Podemos dizer no Brasil, que temos a educação mais humanizadora e popular, através da contribuição de Paulo Freire, que implantou a idéia que o sujeito oprimido tinha espaço no mundo. Paulo Freire teve uma contribuição imensa para a educação popular no mundo. Hoje se fala em educação popular, educação qualitativa, enfim que o mundo inteiro cita a obra de Paulo Freire. Enquanto que na década de 50 e 60 ele já começava a discutir a idéia da alfabetização, era a idéia da gente trabalhar o conhecimento do mundo para transformar o mundo.

O que nós temos hoje no Brasil são os vários setores da educação, especialmente no Ministério da Educação, nos movimentos populares, o que a gente sempre teve foi uma pérola, uma pérola pedagógica e metodológica.

Hoje quando a gente pensa em educação popular dentro, ou educação/formação em ES, a gente precisa começar a pensar que formação é esta?

Se a gente entende formação como um processo oficial, institucional que passa pelo formato ou formatação de universidade, de escola, ou seja, educação formal. Ou se vamos trabalhar na linha de romper com esses paradigmas, pensando uma educação não formal, que é outra coisa. E dentro dessa educação não formal é que não nos serve os regimentos, as posturas das universidades, escolas. Portanto, em que linha pedagógica, política nós teríamos?

Quando a gente pensa formação, pensa em educação qualitativa, pois viver é se educar. Sendo que nos formamos o tempo inteiro. Isto é um conceito de educação humanista. Pois quando a gente pensa em educação revolucionária e humanista, a gente pensa que qualquer ato humano é um ato pedagógico, qualquer ação nossa transmite informação, conflito, cultura, enfim produz formação.

Precisamos pensar e repensar quais são os alicerces, os focos, os lares que vão nos guiar. E aí definir este marco, caminho da ES, tendo o conceito de educação que se pautar num conceito de mundo e sociedade é fundamental.

A ES é um movimento, é uma trajetória, é um estado de política, mas, não é isso, não é água com açúcar que estamos preparando, que estamos trabalhando com coisa mornas. Nós queremos produzir transformações, construir rupturas. Então a educação pode ser o dorso dos eixos fundamentais para trazer esta identidade na formação de processos sociais e processo de organização.

Hoje temos vários estudos sobre a importância do processo de capacitação e formação do MST no Brasil, no mundo e na América Latina.

Devemos perceber que tem princípios fundantes dentro do processo de organização social do movimento e que se pautam fundamentalmente na educação.

A educação no mundo, hoje, enquanto área do conhecimento, enquanto ciência é reconhecida, assim como a sociologia, a matemática, assim como outras áreas do conhecimento. E ela vem e está se estruturando para pensar os processos de repassar os conhecimentos produzidos pela sociedade ao longo dos séculos, essa reprodução do conhecimento. E ela tem uma função fundamental, que é a produção de novos conhecimentos e novos saberes. Que as escolas vêm fazendo, mas que outros grupos também estão fazendo.

A educação popular no Brasil e no mundo é reconhecida, dentro da academia inclusive, dentro de escolas como uma pressão dos movimentos sociais. Na associação Nacional de Pós Graduação só existe GT (que existe há 30 anos) por conta da pressão dos movimentos sociais, por conta dos professores, dos educadores que estão articulados aos movimentos sociais.

Dentro do GT de educação popular têm gente que trabalha com diversas etnias, povos sem teto, indígenas, ribeirinhos, sem terra, mulheres. A educação popular se torna um grande guarda-chuva, como a ES, que reúne experiências de todas as áreas.

Devemos produzir identidades que produzam rupturas nas várias esferas da sociedade, no campo das relações sociais e em todas as estruturas. E aí estamos lidando com um conceito de mundo, com uma idéia de mundo com economia que afeta os mercados, o mundo globalizado e ao capitalismo. Devemos criar estruturas de formação e educação, que a sociedade comece aos poucos a refletir que a ES é muito mais do que desenvolver simplesmente um trabalho de geração de trabalho e renda. Que devemos mudar conceitos e paradigmas referentes ao meio ambiente, à natureza, à cultura e uma série de coisas.

Não podemos desperdiçar a idéia de trabalhar dentro da perspectiva da ES como movimento, como algo que produza transformações sociais. Para isso nós devemos definir a formação, a capacitação como algo fundamental. Como se fosse o coração, e não entendendo a formação com apenas momentos de encontros.

“Nós precisamos conhecer o mundo” (Paulo freire) e tomamos uma decisão, para poder ou não transformar o mundo. Mas para isto eu preciso de elementos teóricos, metodológicos. Hoje trabalhamos juntos para construir isto. Nós estamos fazendo juntos, temos que aprender que isto não cai do céu. Toda experiência nossa deve ser armazenada, identificada com uma máquina de transformação social, e para isso devemos definir não o modelo mais o caminho que leve a gente a caminhar no processo, que não é igual a todos, mas, permanente, porque hoje tem movimentos que preferem se colocar na estrutura social como movimentos, como algo que vai se movimentando.

Nós temos coisas fantásticas, principalmente na educação popular, trabalhando a questão da identidade dos grupos, da ES, da transformação social, de um processo diferente que pretendemos construir nos vários grupos.

Trabalho com educação de jovens, mas ainda estes processos são formais, e a grande parte dos nossos projetos absorvem demandas dos outros ministérios. Qual é a capacidade que a ES tem de gerar um projeto de educação popular? Nós devemos assumir a educação popular dentro da ES, como eixo para a educação, formação, capacitação, fomento, comercialização, etc., ou seja, quais são os pressupostos e princípios da educação popular. E aí nós lideranças, formadores e militantes teríamos um projeto de formação. Mas este processo não é tão simples, pois deve-se conhecer o mundo, conhecer a realidade, trabalhar com conflitos e trabalhar com diálogos, que é o que a educação popular propõe. E precisamos aprender a lidar com estas posições, nos fundamentar para fazer isto.

Na medida em que temos alguns critérios, algumas certificações da ES e da educação popular, assim aos poucos vamos criando uma substância, concretude para marcar as diferenças.

Estamos num momento muito interessante, mas num momento delicado, pois devemos tomar decisões para marcar a identidade. Ou a gente dá um salto qualitativo, acumula estas experiências e busca contribuir substancialmente para a transformação. Temos que começar a falar e escrever, documentar, sistematizar as nossas experiências, e ter isto como moeda, capital. Para não inventar sempre a roda.

Queremos compreender ES como um processo diferenciado, que quebre paradigmas.

A educação está inserida em todas as áreas como a política, economia, cultura, etc., devemos criar uma cultura em ES.

Para discutir educação popular em espaços mais estratégicos nota-se que existe pouca participação dos principais atores sociais, sempre são os mesmos. Devemos sair do lugar, o repensar, revisar. Precisamos estar em constante capacitação e formação. Não só reproduzir, e sim construir, reformular. A educação é o foco deste processo.

### 3.2 DIA 07/02/07 (PERÍODO VESPERTINO):

#### 3.2.1 Pauta:

Horas	Atividade
15:00 as 19:00	<p><b>Socialização das experiências.</b> Os participantes deverão relatar as suas experiências considerando as contribuições que as mesmas apresentam no que diz respeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Princípios para a formação em economia solidária</li> <li>• Conteúdos</li> <li>• Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular)</li> <li>• Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores.</li> <li>• Relação com as políticas públicas</li> </ul> <p><b>Critério para Composição dos Grupos</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>4. Tipo de experiência (formação de formadores/multiplicadores ou formação/educação para trabalhadores/as e empreendimentos)</li> <li>5. Reunir os grupos conforme: tipo de público ou distribuição geográfica (mesclar os três estados)</li> <li>6. Máximo de seis experiências por grupo</li> <li>7. Educação popular.</li> </ol>

#### GRUPO DE TRABALHO 01

Os grupos de trabalho foram distribuídos conforme critérios preestabelecidos na pauta. O mesmo foi coordenado pela prof<sup>a</sup>. Dra. Edinara Terezinha de Andrade, no qual explicou o procedimento, que primeiramente os grupos relatassem suas experiências para os demais integrantes do grupo, além de sistematizar e responder as questões solicitadas na pauta.

#### 3.2.2 Socialização das experiências: Grupo 01 – Auditório (frente)

Coordenação: Marco Antônio Rodrigues

Secretario(a): Ana Beatriz Baron Ludvig

Relator(a): Marco Antônio Rodrigues e Ieda

Integrantes: Edinara Terezinha de Andrade - SC (ITCP/FURB); Ana Beatriz Baron Ludvig – SC (BRUSCOR); Rosiany Maria da Silva (UNITRABALHO)<sup>5</sup>; Ieda Zimmermann (UNIJUÍ)<sup>6</sup>; Marco Antônio Rodrigues (GUAYÍ)<sup>7</sup>.

#### 3.2.2.1 Relato das experiências:

##### **a) Rosiany Maria da Silva (UNITRABALHO): RELATO DA UNITRABALHO**

O Núcleo/Incubadora de Maringá da Universidade Estadual de Maringá- UEM teve início em 1998 como Programa Multidisciplinar de Estudos e Pesquisas Sobre o Trabalho e

<sup>5</sup> Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Vale do Rio Doce. Atualmente é assessor técnico da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Economia Solidária, atuando principalmente nos seguintes temas: cooperativismo, qualificação profissional, políticas públicas, mulheres e troca de experiências. [rosiany777@hotmail.com](mailto:rosiany777@hotmail.com)

<sup>6</sup> Graduação em Informática pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente é assessora pedagógica da Incubadora de Economia Solidária da UNIJUÍ, atuando em projetos de Pesquisa, Ensino e Extensão desta universidade. É mestranda do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. [verarteb@terra.com.br](mailto:verarteb@terra.com.br)

<sup>7</sup> [bonuma@portoweb.com.br](mailto:bonuma@portoweb.com.br)

os Movimentos Sociais, vinculado à Reitoria. A Unitrabalho é uma Rede de Pesquisas e Estudos Sobre o Trabalho que está presente em várias universidades no Brasil e atua com a incubação que é um processo prático educativo de organização e acompanhamento sistêmico ou assessoria a grupos de pessoas interessadas na formação de empreendimentos solidários.

**Área de Atuação-** Convênios, Projetos de Pesquisa, Projetos de Extensão, Projetos de Iniciação Científica, Grupos de Estudo e Planejamento Estratégico;

**Áreas de formação dos Educadores no Processo de Incubação:** Administração de empresas, cooperativismo/associativismo, ciências sociais, ciências contábeis, direito, educação no processo de incubação, economia do trabalho, psicologia do trabalho, psicologia social, pedagogia, estatística, políticas públicas.

Equipe composta hoje por aproximadamente 15 pessoas, entre professores, alunos e técnicos.

**Metodologia** - O método pedagógico praticado ocorre por meio de um processo de construção dialógico entre os membros da equipe orientadora e entre os trabalhadores do grupo atendido, visando:

- 1- União e troca entre os saberes acadêmicos e os saberes populares;
- 2- Compreensão do conjunto do funcionamento do empreendimento (visão de totalidade integrada);
- 3- Estímulo à formação da identidade de grupo, democracia interna e sua autonomia frente aos orientadores (autogestão);

#### **Empreendimentos:**

Há 14 empreendimentos incubados na região de Maringá. São 8(oito) cooperativas de reciclagem, sendo uma Cooperativa de segundo grau, a Central de Transformação e Comercialização do Complexo Cooperativo. Acompanhamos também com cooperativa, associações e grupos de alimento, costura (complicado pelo aspecto da terceirização na região) e mais recentemente atuamos na área rural, com um grupo de pequenos produtores de leite e reciclagem também. E na organização externa como do Fórum Estadual de ES e da FERIA Estadual de ES em que lutamos muito para que essas ações fossem descentralizadas da capital para outras cidades, onde a ES está acontecendo com muita força também.

#### **Sistematização:**

Foram elaboradas várias apostilas sobre os temas, da formação continuada, pela própria equipe como: com princípios do cooperativismo/associativismo e economia solidária. Com a reciclagem procuramos trabalhar com o resgate da auto-estima e com o aproveitamento dos conhecimentos dos próprios trabalhadores, o que culminou com a elaboração de uma cartilha onde os próprios catadores ensinam separar os materiais recicláveis. Outro cooperado criou uma máquina de tirar rótulo, que sendo socializada para as demais cooperativas, gerará um valor agregado maior aos produtos.

Utilizamos muito as formas audiovisuais, com dinâmicas, data-show e outros materiais didáticos que são preparadas pela equipe.

#### **Dinâmica de Trabalho:**

Toda a semana acontece uma reunião da equipe, mas para discutir cada empreendimento. De 15 em 15 dias acontece um grupo de estudos, para aprofundamento de temas relacionados com a ES. Estas reuniões são realizadas nas sextas feiras onde possibilita maior participação da equipe. A equipe trabalha com muita motivação de numa tentativa cotidiana de atuação interdisciplinar. Alguns técnicos atuam mais com a gestão dos empreendimentos e outros mais com a formulação dos conteúdos de formação.

Existe uma preocupação em ampliar a aproximação com as várias áreas da universidade, para ampliar o leque de atuação da incubadora, o que tem aumentado muito as responsabilidades.

Trabalham em parceria com diversas instituições e entidades, com o poder público e alguns movimentos sociais.

Ainda não conseguiram alcançar o ponto da “desincubagem”. Toda semana tem alguém da equipe em cada empreendimento e vários já estão atuando de forma independente.

A experiência com a cooperativa de catadores do Bairro Santa Felicidade foi todo um processo de resgate e uma conquista muito grande que a incubadora desenvolveu, com o surgimento de grandes lideranças que interferem na sociedade.

#### **b) Ieda Zimmermann (UNIJUÍ):**

A referência para os empreendimentos é a Universidade. Já realizaram 3 feiras. Trabalham com 4 grupos: ACATA - Reciclagem de lixo, cooperativa de leite, padaria. Temos certeza de que muitas coisas só acontecem por conta da incubadora, pois os grupos não tem estrutura para se encontrar.

Foram realizadas várias oficinas, sobre relações humanas, atas, contabilidade. Foram feitas trocas de experiências de um grupo para outro, pois cursos prontos nem sempre motivam os grupos de falarem. Não são cursos periódicos, pois os empreendimentos funcionam numa lógica diferente dos “técnicos”, pois eles precisam produzir para seu sustento e isso tem que ser respeitado. Geralmente são sempre os mesmos que participam. Acontece que às vezes a incubadora legaliza o empreendimento, muitas vezes acaba prejudicando os grupos, pois manter a estrutura tem um custo alto. Quem decide se quer ou não se formalizar deve ser o empreendimento. O grupo da padaria afirmou para a incubadora que elas não queriam ser um grupo formal, elas queriam estar atuando sem tantos compromissos, de forma mais esporádica.

Muitos grupos não querem ter muitas reuniões, Querem ter um grupo de produção onde cada um produz e vende sua produção. A questão da comercialização às vezes é complicada por que não é só porque o produto é da economia solidária que as pessoas compram

Formação interna é feito semanalmente com a equipe e os grupos de estudos são mensais e são abertos para a comunidade e aos empreendimentos. Cada membro da equipe elabora um texto sobre o andamento dos empreendimentos e é socializado com todo o grupo nos encontros mensais. Algumas coisas são publicadas pela universidade. Os empreendimentos participam dos fóruns regionais através da articulação da incubadora. Há quem afirma que se a incubadora deixar de existir muitas coisas deixarão de existir, pois a estrutura da incubadora é uma referência para os empreendimentos. A universidade reconhece o valor social, mas não dá muito apoio financeiro.

Promovem-se muitas reuniões com os empreendimentos pra que eles também possam dizer o que pensam e querem, principalmente a ACATA, que precisa de muito apoio.

Proporcionam espaços de formação onde os coordenadores são pessoas dos próprios empreendimentos. É importante para eles quando alguém do próprio meio realizam estas atividades.

**Metodologia de registro:** relatórios, fotos, *portfólios*, publicações e divulgação no meio eletrônico, que é uma ferramenta importante de articulação, mas que está distante dos empreendimentos.

#### **c) Marco Antônio Rodrigues (GUAYÍ):**

É uma entidade nova que deriva do GEA - grupo de estudos agrários. Tem um conjunto muito grande de intervenções, por exemplo: o acompanhamento de experiências de 60 grupos quilombolas. Realizou-se um seminário estadual com estes grupos. Trabalha também com 05 grupos de costureiras, onde se aposta em transformar experiências espontâneas a se organizem na economia formal, com a função de produzir. Foi feito

convênio com um hospital para fornecimento de toda a rouparia do hospital, com milhares de peças por mês. Um dos grupos é composto por presidiárias. Estes grupos estão fortemente integrados a uma disputa econômica com muita responsabilidade com horários, produção e qualidade, mas de forma autogerida. Os grupos têm produções diferenciadas, mas entre eles existe uma organização forte e que dá conta das diferenças. Tem um grupo de reciclagem em Caxias de Sul, outro de consciência ecológica de produção agrícola e fertilizante alternativos. Existem temáticas importantes como a segurança, habitação (surgiu um bairro todo planejado sob orientação da ONG), também o debate feminista, racial, sindical.

Todos estes pontos de vistas compõem todas as ações da ONG. A preocupação inicial é o da construção real dos grupos, e num segundo momento parte-se para as questões mais imediatas dos grupos que vão surgindo. Há a formulação de debates chamados “sócio-globais”, que vai desde a questão do processo social da consciência até o debate econômico. Este debate organiza a fusão da sociedade contemporânea e como se dá a economia popular e solidária neste sistema. Não é algo simples lidar com a ES dentro do sistema capitalista. A ONG partiu para a ES a partir da experiência e a percepção de que há um novo sujeito no RS, a partir do governo do Olívio Dutra, que pode ser um grande sujeito de mudança social.

Existe muita coordenação de processos, de resolução de problemas, de entendimento de Economia Solidária. Existe uma outra camada, uma demanda que merece mais elaboração, onde se coloque alguns problemas mais de fundo e que devem ser aprofundados.

Muitos trabalhadores manuais participam da elaboração do processo formativo, inclusive em nível mais abstrato, mais elevado.

**Em relação à sistematização e avaliação** existe uma lacuna. Em alguns setores a Guayi consegue estar muito mais qualificada do que os representantes do poder público (segurança pública, por ex.). Em relação com as políticas públicas há um grande acúmulo.

Os grupos são bastante pressionados sob os diversos pontos de vistas, seja feministas, cultural, racial.

Camadas mais específicas e especializadas e camadas que olham por todos os setores, auxiliadas pelos grupos específicos.

#### **d) Ana Beatriz Baron Ludvig– SC (BRUSCOR):**

Originado por militantes partidários que perderam emprego por sua militância. Havia uma fábrica parada de telas que foi assumido e desenvolvido. De 88 a 94 éramos apenas cinco trabalhadores. Tínhamos formação prévia e externa à iniciativa. Novos membros são sócios e não empregados e tivemos o cuidado de herdar nossa formação. Mas seu processo autogestionário é predominantemente prático-vivencial. Requisitos: ter segundo grau; há uma aposta por mais qualificação, universitária inclusive. Foi durante muito tempo referência de autogestão na região, com interesse acadêmico, inclusive. Há o registro de nosso processo imediato (decisões, reuniões), mas não sistematização mais geral. A retirada é igual seja para quem está na produção seja na administração. Aplicamos o rodízio para aliviar a tensão do trabalho e gerar múltiplas experiências. Uma intervenção externa pode destruir um empreendimento.

#### **e) Edinara Terezinha de Andrade - SC (ITCP/FURB):**

A ITCP/FURB é um programa vinculado ao Instituto de Pesquisa Súcias – IPS, criado em novembro de 1999 constitui-se em uma linha de extensão universitária que disponibiliza um núcleo básico interdisciplinar formado por quadro: docente, discente e técnico. Procura socializar o conhecimento da academia junto aos setores populares, para que consigam não só uma melhor inserção social no plano de trabalho como avançar na conquista da cidadania plena. Tem como objetivo central prestar serviços necessários para o início, desenvolvimento e/ou reciclagem de cooperativas ou grupos de trabalho associativo,

denominados de Empreendimentos de Economia Solidária (EES). A metodologia de trabalho busca aproximar a universidade e o conhecimento nela produzido, da sociedade em geral e de trabalhadores em particular, que vêm na organização associativa, uma alternativa de trabalho e de geração de renda. Atuando através de equipes de trabalho têm em sua estrutura as equipes de: mobilização, capacitação, organização e gestão e viabilidade econômica. Atualmente a ITCP desenvolve cinco projetos: 1) Incubagem de Associações, Cooperativas e Empreendimentos Solidários – EES: em número de seis EES incubados; 2) Cursos de Capacitação para Empreendedores de Economia Solidária: em 2006 foram oferecidos 5 cursos de capacitação, totalizando 70 cursos desde a criação da ITCP; 3) Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí – RESVI: 10 reuniões mensais da RESVI, participação em Feiras; Conferências e Reuniões do FORUNCES e do FBES; 4) Assessoria a Governos para Implementação de Políticas Públicas de Trabalho: Blumenau, Gaspar e Indaial e; 5) Assessoria a Projetos de Responsabilidade Social com dois convênios: Instituto Consulado da Mulher em Joinville e Caixa Econômica Federal. Completando sete anos de existência, pode-se constatar que a ITCP congrega a tríade pesquisa-ensino-extensão, pois se caracteriza como um programa de extensão que realiza de forma continuada pesquisas na temática da economia solidária; recebe alunos como estagiários das mais diversas áreas do conhecimento e; presta serviços relevantes à comunidade na busca de alternativas eficazes de geração de trabalho e renda.

### **3.2.2.2: Dentro dos pontos propostos:**

O grupo 01 não trabalhou as questões propostas separadamente do relato de suas experiências.

### **3.2.3 Socialização das experiências: Grupo 02 – Auditório (fundos)**

Secretario(a): Graziela Luisa de Lima

Relator(a): Erasmo Pavesi

Integrantes: Graziela Luisa de Lima – SC (Consulado da Mulher)<sup>8</sup>, Erasmo Pavesi – SC (ANTEAG), Dagmar da Cunha Salomão – PR<sup>9</sup>, Marly Batista Oliveira – PR<sup>10</sup>, Márcia T.M. Souza – SC (Justa Trama), Ronei Vieira Lopes – RS<sup>11</sup> e Geraldine M. Vieira – PR (INCUBADORA/PR)<sup>12</sup>.

#### **3.2.3.1 Relato das experiências:**

##### **a) Márcia T.M. Souza– SC (Justa Trama): Comunidade MATATOR**

Foram até a comunidade falar sobre o Centro Público de Itajaí. Marcaram uma reunião em que cada um deveria trazer algo que sabia fazer. Surgiram muitas coisas diferentes e a partir daí surgiram 3 grupos organizados.

Conclusão: o trabalhador é o centro do processo e o meio cultural é o substrato.

A metodologia utilizada parte do concreto, da prática.

4 Meses de formação – objetivando para este ano formar um empreendimento para produção de alimentos e artesanato .

Trabalha-se por primeiro a interação do grupo conhecer e se auto conhecer.

<sup>8</sup> Graduação em Serviço Social. Fundação Universidade Regional de Blumenau, FURB. Representante do Consulado da Mulher. [grazielaluisa@yahoo.com.br](mailto:grazielaluisa@yahoo.com.br)

<sup>9</sup> [arnaldogilberti@hotmail.com](mailto:arnaldogilberti@hotmail.com)

<sup>10</sup> [marlybo@pop.com.br/familialegal@familialegal.org.br](mailto:marlybo@pop.com.br/familialegal@familialegal.org.br)

<sup>11</sup> [roneilopes@gmail.com](mailto:roneilopes@gmail.com)

<sup>12</sup> [denisem.vieira@gmail.com](mailto:denisem.vieira@gmail.com)

Numa segunda fase se aplica cursos de artesanato.

Centro Público de Referência em Economia Solidária, proporciona cursos profissionalizantes e economia solidária, visando a constituição de empreendimentos.

Espaços para comercialização, terapêuticos e de formação.

O desafio é transformar estas iniciativas em políticas públicas.

**b) Erasmo Pavesi – SC (ANTEAG):**

Cooperativa Educacional de Pais e Alunos (COEB) estão incluindo a disciplina de Cooperativismo e ES no Ensino Médio, porém ela é optativa. Localiza-se em Brusque e possui aproximadamente 150 alunos. Pretende ampliar o trabalho para o ensino superior e pós-graduação.

Na BRUSCOR o associado recebe contribuição para estudar.

A empresa produz cordas de vários tipos.

Erasmo - ANTEAG -SC

Associação de cooperativas e empresas de autogestão.

Desenvolve projetos de capacitação, através do FAT, porém os recursos são poucos.

Metodologia: prática e teoria.

Trabalha com temas diversos como: condições de trabalho, gênero, meio ambiente, qualidade de produto, atendimento ao cliente, relações interpessoais.

Foco na capacitação continuada.

Propostas:

O FAT deverá incluir a ES nos cursos de qualificação profissional, obrigando os sindicatos e centrais sindicais a incluir uma carga horária em ES em seus cursos.

**c) Ronei Vieira Lopes– RS**

Trabalho de artesanato (tecelagem) com a área rural.

Objetivo de criar leis municipais para a economia Solidária.

Grupo composto por 13 pessoas.

Dificuldade: a implantação do grupo se dá numa área nobre da cidade.

Projeto para a realização de feiras – Santa Maria.

Educação: necessidade de curso de espanhol devido ao fortalecimento do Mercosul.

Existe a parceria com a universidade federal que proporciona a formação em autogestão e ES porque não basta apenas produzir.

Proposta: É necessário um curso permanente em autogestão e ES em todos os níveis escolares

**d) Dagmar da Cunha Salomão– PR:**

Iniciou-se uma oficina de artesanato na feira do Largo da Ordem em Curitiba com os portadores de distúrbios mentais, na qual também comercializavam os produtos. A renda obtida é repassada para os pacientes e para a compra de matéria prima.

Recebem formação para o desenvolvimento do trabalho, porém nem todos eles assimilam o conteúdo.

**e) Marly Batista Oliveira– PR:**

Trabalho de identificação das lideranças do bairro. Estes passam por um curso de 320 horas chamado de Gestão Social Comunitária e se tornam multiplicadores.

É feita uma pesquisa do índice de desemprego na comunidade.

O objetivo não é apenas produzir algo, mas também proporcionar uma transformação na comunidade.

O curso abrange 40 pessoas e resultou numa cooperativa.

A produção é de bolsas com resíduos da indústria têxtil.  
Este ano participará do Curitiba Fashion Week.  
Cooperativa Conjunto Saquarema.

**f) Graziela Luisa de Lima – SC (Consulado da Mulher):**

Trabalha com o Consulado da Mulher - faz trabalhos de geração de renda nas comunidades .

Formaram o grupo de Reciclagem - COOPERANTI

Formação – conscientização em meio ambiente, relações interpessoais e cooperativismo e autogestão.

O grupo é uma referência no Bairro promove a coleta seletiva na comunidade.

Numero de beneficiados: 25 pessoas, mas atualmente 14 pessoas atuam na cooperativa.

**g) Geraldine M. Vieira – PR (INCUBADORA/PR):**

Formação em Cooperativismo, com o objetivo de formar grupos.

Equipe multidisciplinar

Dificuldade: falta de formação para o desenvolvimento do grupo.

**3.2.3.2: Dentro dos pontos propostos:**

**A) Princípios para a formação em economia solidária:**

- \*coletivo = pertencer a um grupo.
- A formação deve ser oferecida para todo o grupo;
- \*Educação para gerar Autonomia.
- A formação deve partir da realidade do trabalhador.
- \*Não imposição. O educador não deve impor as suas expectativas.

**B) Conteúdos:**

- Buscar parcerias (SEBRAE?) por que não temos o nosso próprio conteúdo.
- Existem experiências em que a parceria com o SEBRAE é positiva, porém, o sistema S tem uma visão capitalista
- Alfabetização - Educação fomal;
- Buscar formação para os formadores e desenvolver uma rede entre as entidades para ampliar o conhecimento, aproveitando a competência de cada um, considerando uma maior inserção no mercado.
- Devem-se buscar parceiros dentro da Economia Solidária, mas se isso não for possível, devem-se buscar outras parcerias.
- Deve-se ter uma visão integral, de todos os conteúdos na formação em ES.
- A discussão sobre valores humanos, comunitários e sobre a família.
- Os conteúdos devem ser elaborados a partir da realidade do grupo.

**C) Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular):**

- Construir a metodologia juntamente com o grupo.
- O currículo deve ser flexível e de acordo com a realidade do grupo.

**D) Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores:**

- Registro das experiências;

- Indicadores para verificar o desempenho econômico do empreendimento, melhoria da qualidade de vida
- Indicador Quantitativo
- Sustentabilidade do empreendimento
- Superação de conflitos

Exemplo (Geraldine): Conflito de admissão ou não de antigos cooperados. No final superou-se o conflito quando se chegou a um consenso.

Reflexão e avaliação sobre a prática durante o processo.

#### **E) Relação com as políticas públicas:**

- Deve haver uma disciplina específica para a ES na escola.
- Relacionar-se com a alfabetização de jovens e adultos;
- Sugestão: Realizar a alfabetização no bairro onde estão os grupos.
- Financiamento continuado de bancos públicos, a fundo perdido, para pesquisa e capacitação.
- Há dificuldade de acesso aos recursos públicos.

### **3.2.4 Socialização das experiências: Grupo 03 – sala 02**

Secretario(a): Idalina Maria Boni

Relator(a): Luciana Barros Roldão

Integrantes: Idalina Maria Boni – SC (Fio Nobre), Luciana Barros Roldão – RS (INTECOOP/FURG)<sup>13</sup> e Sônia Maria Ferreira- PR (INTES UEL Londrina)<sup>14</sup>:

#### **3.2.4.1 Relato das experiências:**

##### **a) Idalina Maria Boni – SC (Fio Nobre): Fio Nobre**

Fala da experiência vivida desde que veio da Bruscor e depois Fio Nobre, formação para grupos e o Centro Público de ES

##### **Historia da participação:**

Nasce na Bruscor pelo sonho político da formação – trabalho de formação com bíblia (CEBI), política partidária, jovens, teologia da libertação, saúde. Formados na participação social e sonho de um outro espaço. Muita busca e discussão intensa nos grupos.

Nasce Fio Nobre, assim como na Bruscor com princípios de divisão, respeito, transparência. Participação em formação junto à igreja (ASA), FURB, ANTEAG, UNISOL. Participação nas instancias maiores de articulação Redes, Fóruns, FSM, gerando crescimento.

Para fora sempre realizamos palestras em universidades, escolas, grupos de forma a passar a idéia de ES.

Formação para grupos: favelas, CRAS, DH, cooperativas passando formação nos temas citados e com dinâmicas.

Formação para grupos através do FAT para vários grupos na região como, Blumenau, Itajaí, Navegantes com formação dentro dos temas citados.

Sujeitos – muitos dos que juntos foi trabalhado na ficaram iguais, não nos deixaram iguais e permanecem envolvidos no grupo.

<sup>13</sup> Bacharel em Direito pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (2004). Atualmente é Consultora Jurídica e de Economia Popular Solidária INTECOOP/FURG. [roldao1b@yahoo.com.br](mailto:roldao1b@yahoo.com.br)

<sup>14</sup> [fmrpsico@yahoo.com.br](mailto:fmrpsico@yahoo.com.br)

**b) Luciana Barros Roldão– RS (INTECOOP/FURG):**

A atuação na área de Cooperativismo e EPS iniciaram na Instituição desde 97, como projeto de extensão. Em 2004, passou a ser incubadora a partir do convenio com a FINEP (Proninc). O trabalho é desenvolvido nas seguintes etapas metodológicas

- Sensibilização;
- DRP (Diagnósticos Rápidos Participativos)
- Formação (Cooperativismo; Custos; MKG, todos baseados na educação popular com consultores e linguagem apropriados;
- Acompanhamento sistemático;

Diagnóstico DRP.

Metodologia: dinâmicas de grupo, participação, princípio de educação popular.

Experiência: cooperativismo 40 hs.

**COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO E AUTOGESTIONÁRIO**

Divide em dois módulos:

1. Sistema Capitalista – análise do mundo do trabalho, para proporcionar o conhecimento para mudança do eu para nos, pessoas como sujeitos transformadores da realidade.

Metodologia participativa (Trabalham muitas dinâmicas).

2. Sistema Cooperativista – Base do Cooperativismo e EPS como alicerce = valores, princípios, autogestão, sustentabilidade.

Políticas públicas – tomar conhecimento em buscar de políticas publicas,

**c) Sônia Maria Ferreira - PR (INTES UEL Londrina):**

INTES é um projeto de extensão vinculado ao Proninc que através de atividades de ensino, pesquisa e extensão, oferecem incubagem aos empreendimentos de ES nas áreas de organização do grupo e de seu trabalho, formação em ES, educação para a autogestão, gestão administrativa e contábil, comercialização e divulgação de seus produtos e serviços. A equipe é multidisciplinar constituída por professores e estudantes dos curso de psicologia, serviço social, artes, economia, moda, design, comunicação social e contabilidade.

Tivemos uma experiência de formação quando foi realizada a seleção de grupos para a incubagem da INTES.

Princípios:

Que os grupos tivessem princípios de ES sem ter sido assessorado anteriormente.

Conteúdos:

Foi usado histórico da ES no Brasil e os 7 eixos da ES

Metodologia – dinâmicas de grupo, conhecer os produtos e sua relação com ES.

Conhecimento dos eixos definidos a nível nacional.

Sistematização:

Foi em forma de relatórios;

Avaliação;

Não foi trabalhado indicadores.

Grupos: Reciclagem de papel; confecção; brinquedos pedagógicos; café passado orgânico; artesanato.

Prefeitura = favelas – trabalha:

Trabalham com pessoas pobres e vê a força para a luta no trabalho  
 E necessário muitos encontros para que as pessoas possam despertar um querer trabalharem grupo.

Motivação: muitos problemas, oferecem oportunidade e não um benefício.

Grupos com maiores rendas participam menos.

Bolsa família faz uma motivação e convida pessoas para ES Trabalhar conceitos micro ES para envolver as pessoas.

Debate referente:

- Não conseguem trabalho, favelas, discriminação, exclusão;
- Grupo de pessoas mais pobres, transferência de renda, não sente valor do trabalho;
- Procura de Emprego x Trabalho;
- Possibilidade dessas pessoas para produção e produtos e muito difícil;

Duelo – mercado não dá trabalho e não compra ‘cocada’, como garantir renda?

Relação: formação e condições objetivas para garantir renda

Idéia – forma de apoio e garantir a possibilidade de renda para estes grupos.

Políticas públicas – conab.

Registro das historia ‘o que se perde’.

### **3.2.2.2: Dentro dos pontos propostos:**

#### **A) Princípios para a formação em economia solidária:**

- Coletivo, geração de renda, passar idéias, possibilitar oportunidades.
- Cooperação, solidariedade e liberdade.

#### **B) Conteúdos:**

- Vividos para dentro do grupo e para fora em outros grupos.
- Cooperativismo, associativismo; propaganda; custos; gerenciamento; estatuto; ata; relacionamento; contabilidade;
- Relações pessoais.

#### **C) Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular):**

Participativa, com textos, dinâmicas grupais, celebrações, comemorações, convenções.

#### **D) Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores:**

- Não fazemos.

#### **E) Relação com as políticas públicas:**

- Participação na luta por direitos humanos, políticas, na construção de espaços nos governos federais, política estadual e no espaço municipal de emprego, trabalho e renda.

#### **F) Questão final do debate:**

- Falta formação política para dentro?
- Qual a diferença que isso faz?
- Como trabalhar renda para quem não tem a motivação de trabalho? (programa transferência de renda).

### **3.2.5 Socialização das experiências: Grupo 04 – sala 04**

Secretario(a): Carina Soares – SC

Relator(a): José Inácio Konzen–RS

Integrantes: Fernando Anízio – SC (ASA)<sup>15</sup>; Paulo Cezar Padilha– SC (ITCP/Chapecó)<sup>16</sup>; José Inácio Konzen– RS (CAMP)<sup>17</sup>; Luiz Francisco Teixeira– RS (ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃO DE CIDREIRA)<sup>18</sup>; Carina Soares – SC (ITCP/FURB)<sup>19</sup>; **Andrea Viana Faustino -SC (NESOL/UFSC)**

### **3.2.5.1 Relato das experiências:**

#### **a) Carina Soares – SC (ITCP/FURB): APRI - Associação**

A APRI é um grupo de catadores/as de materiais recicláveis de Indaial, que vêm se reunindo desde o dia 12 de março de 2002 e contam com a assessoria da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares – ITCP/FURB. Esses trabalhadores têm na coleta do material reciclável seu meio de subsistência. A coleta é feita pela Prefeitura Municipal de Indaial, através do programa de coleta seletiva, sendo que o acondicionamento e a triagem dos materiais acontecem no galpão viabilizado por um projeto do BNDS. A comercialização atualmente é feita coletivamente, para um atravessador, sendo que o grupo pretende vender os materiais diretos para as empresas

#### **b) Fernando Anízio – SC (ASA)**

Trabalhamos no sentido de formar grupos com os excluídos. Realizamos curso para pessoas que estão nos empreendimentos e também para educadores populares. Idéia era discutir a Educação Popular no curso em que 40 pessoas participavam. Após a formação pensou-se o que fazer com os mesmos? Tem pessoas que dão aula e estão fazendo a formação apenas para ter mais uma qualificação e não para atuar com a Educação Popular. Sistematizar esse tipo de atividade: história social do trabalho; modelo capitalista; origem da ES, fundamentação teoria, o que é cooperativismo; associação. Utilizamos a metodologia participativa, percebemos que havia grupos diferentes e portanto teve resistências.

#### **c) Paulo Cezar Padilha– SC (ITCP/Chapecó)**

A equipe da Incubadora é composta por 6 professores e 4 bolsistas e dois técnicos. Assessoramos 21 empreendimentos, na nossa região tem um número significativo de cooperativas, fazemos parcerias e trabalhamos no âmbito pontual. Realizamos curso de capacitação de gestão, percebemos que o empreendimento não conseguia andar, constatamos que a via economia provocavam atritos, conflitos, quanto melhor o grupo andava pior ficava o mesmo, devido o fator financeiro. Percebemos também na universidade que algumas pessoas participam dos cursos apenas para os certificados, iniciamos com 80 pessoas e terminamos com 20. Trabalhamos com o movimento sem terra de forma pontual, parceria com o Incra e ITCP, de alguma modo os resultados aparecem de forma positiva. O poder público não nos apóia, não querem nem ver os grupos.

#### **d) José Inácio Konzen– RS (CAMP)**

Associação - nasceu para trabalhar no campo educacional popular. Desenvolvimento local com o conjunto de organização. Desenvolvimento local com ES: acompanhamos o Fórum Estadual, Fórum Nacional, Feira Estadual, atividades de formação. Estamos envolvidos com as políticas públicas, frentes emergenciais de trabalho com desempregados. Trabalhamos numa perspectiva da ES com uma associação de reciclagem, estão em processo, duas edições de cursos ou oficinas com os

<sup>15</sup> [fernandoanizio@zipmail.com.br](mailto:fernandoanizio@zipmail.com.br)

<sup>16</sup> [pafilos@gmail.com](mailto:pafilos@gmail.com)

<sup>17</sup> [josekonzen@camp.org.br](mailto:josekonzen@camp.org.br)

<sup>18</sup> [luiz\\_pt@hotmail.com](mailto:luiz_pt@hotmail.com)

<sup>19</sup> Cursando o 8ª Semestre do Curso de Psicologia (FURB). Bolsista da ITCP, assessoria no grupo APRI. [carinasjb@yahoo.com.br](mailto:carinasjb@yahoo.com.br)

empreendimentos de modo a trabalhar a gestão econômica enquanto Economia Solidária. Em termos de resultados, conseguimos contribuir em busca de recursos, parte da federação ajudam a definir as gestões internas dos grupos. As relações entre eles se tornaram mais complicada, ações produtivas em cadeira, percebem a dificuldade com os atravessadores. Vale dos Sinos, conseguem alguns resultados, outros processos como curso gestão econômica, artesanato, alimentícia, reciclagem. Limite dos conhecimentos mais específicos, verificasse nos resultados um problema na organização interna, sistematizar, como verificar os resultados, como aparece a demanda, como atendê-la. Demanda consegue ser observada, mas a assessoria é difícil. Até onde todo o grupo consegue mudar sua percepção, até que ponto apenas duas pessoas levam o grupo. Mapeamento, viabilidade econômica, formação, existem varias experiências de formação, mas eram isoladas, por outro lado continuavam a demanda, atividades mais articuladas com temas principais, ES e as políticas publicas. Identificar algumas questões que passam a ser referenciais metodológicas as demandas

**e) Luiz Francisco Teixeira– RS (ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE CIDREIRA)**

Iniciamos com 12 artesãos qualificados, agora temos mais de 40 artesãos qualificados. Temos lojas na cidade, por volta de 23 lojas na cidade. Há 8 anos atrás em nem conhecia a ES, eu era egoísta, não dividia nada que era meu, hoje penso e vivo de forma diferente, de acordo com os princípios da ES. O artesão gosta de ser artista e por isso muitas vezes corre o risco de andar sozinho. Percebo que temos que ser solidários na produção e na venda, precisamos ter qualidade na mercadoria para que possamos concorrer com os outros produtos. Estamos montando um grupo onde irá viajar o Brasil atrás de feiras afim de comercializar nossos produtos.

**f) Andrea Viana Faustino -SC (NESOL/UFSC) – Florianópolis-SC**

**O NESOL/UFSC – Núcleo de Estudos e Práticas em Socioeconomia Solidária da Universidade Federal de Santa Catarina vem** atuando desde 1997, com os mais diversos públicos, desde jovens, pescadores, artesãos, desempregados, agricultores, pessoas de todos os níveis sociais. Trabalha em parceria com órgãos e universidades, reunindo diversas capacidades ligadas a Economia Solidária, tanto na pesquisa acadêmica quanto na extensão, capacitando e auxiliando no desenvolvimento de práticas solidárias, afins de contribuir no desenvolvimento local, redução das desigualdades sociais e geração de trabalho e renda.

O NESOL teve papel decisivo na criação do Fórum Catarinense de Economia Solidária, através da realização da Jornada Catarinense de Economia Solidária, realizada em maio de 2000, no campus da UFSC, do qual surgiu o GT de ES de SC.

Tem como objetivos: atuar na formação, capacitação, sensibilização e qualificação em ES; Estabelecer parcerias com instituições que atuam no campo da ES; contribuir para a formulação de políticas públicas de apoio a ES; contribuir para o fortalecimento das redes de ES nos diversos níveis; realizar e publicar estudos e pesquisas sobre Economia Social e Solidária; participar no processo de incubagem de empreendimentos sócio-econômicos solidários, em especial das populações de baixa renda; promover debates, jornadas científicas, congressos,etc sobre temas afins da ES.

Atualmente, tem os seguintes projetos e serviços em andamento:

- Sensibilização e capacitação em economia solidária e plano de negócios aos jovens da periferia de 16 a 24 que participam do Projeto Aroeira e Incubadora Popular de Cooperativas, em Florianópolis-SC;
- Terça Eco-feira: feira de ES e agricultura familiar, realizada às terças feiras no campus da UFSC, sendo um espaço para comercialização de produtos

orgânicos, artesanatos, bem como realização de trocas solidárias, atividades culturais e atividades de formação e sensibilização ligadas ao tema da ES, como consumo responsável, etc;

- Projeto Cipó-Imbé, desenvolve atividades de qualificação, formação e sensibilização para a geração de trabalho e renda, através da arte e utilização de um cipó nativo da região situada na divisa entre os Estados de Paraná e Santa Catarina;
- Parceria com a editora Cidade Futura na confecção de um livro sobre Paul Singer;
- Grupo de compras coletivas, adquirindo diretamente do produtor familiar com produção orgânica certificada. Processo contínuo de construção coletiva estreitando os laços dos agentes da ES;
- Apoio e fomento as iniciativas de criação e manutenção de Clubes de Trocas Solidárias, com destaque para o clube ECOSOL, que foi o terceiro a ser criado no Brasil.
- Representatividade no Fórum Regional de Florianópolis de ES;
- Representatividade no Fórum Catarinense de ES;
- Representatividade no Movimento Nacional de Trocas Solidárias –MNTS;

Aqui, neste relato, daremos destaque as Trocas Solidárias, devido a sua importância como instrumento de sensibilização e formação em ES. Nas oficinas e nos encontros dos Clubes de Trocas Solidárias, utilizam-se misticas de aproximação, proporcionando a troca nos níveis mental, físico e emocional através de recursos metodológicos como as danças circulares, os jogos cooperativos, a “pena que fala” (aplicação de método indígena de conselho que busca o consenso e que a voz de todos seja ouvida), simbologia da bandeira da paz, cultura de paz, entre outros.

A construção do conhecimento é coletiva, ou seja, a partir das experiências dos próprios participantes, geralmente de diversas classes sociais, culturas e credos, enaltecendo o sentimento de empoderamento e identificação com o trabalho proposto.

No momento das trocas, as pessoas interagem e fortalecem os laços de confiança, amizade, cooperação, solidariedade, união. Os participantes são produtores e consumidores ao mesmo tempo, portanto denominados de prossumidores. Nos encontros vários temas são naturalmente dialogados nos momentos das trocas de acordo com a necessidade do momento: consumo responsável, autogestão, certificação, comercialização, produção e por aí vai.

Ao final dos encontros há um fechamento, também com alguma mística e avaliação dos participantes.

### **3.2.5.2: Dentro dos pontos propostos:**

#### **A) Princípios para a formação em economia solidária:**

- Ser solidário na produção.
- Princípios pedagógicos e metodológicos da educação popular.
- Construção de novas práticas de produção e consumo.
- Vivência de novas relações sociais éticas e solidárias.
- Crítica ao sistema capitalista.
- Desenvolvimento solidário e sustentável.
- Aspectos subjetivos.
- Educação numa perspectiva libertadora e transformadora.

- Como fazer um processo de formação mais amplo, se a ES e seus princípios são aderidos apenas por alguns....

José Inácio - Identidade do movimento da ES, não tem bem elaborado isso ainda. Percepção das entidades de apoio gestores públicos apóiam mais a questão política do que questões econômicas, movimento com potencial de mobilizar pessoas, por outro lado reflete. Se pretende um movimento econômico, uma outra economia e não só trabalho e renda. Processo econômico se identifica e se confirma a uma outra economia, se consegue se constituir como uma economia capitalista. A tendência dos gestores é priorizar o que é cooperativismo, ES, autogestão, mas o que o Empreendimento quer, ou deseja, não é visto. O que faz o Empreendimento continuar amanhã e não se tornar capitalista. Combinação processo econômico na perspectiva da ES, papel da universidade de contribuir, educação popular, gestão coletiva, complementação de papéis universidade e gestores.

Paulo - ES, ITCP como caráter entidade social, a educação discutida na Universidade não é a mesma dos grupos. ES está pecando, vamos trabalhar a metodologia (grupo vai ter que ter que se virar economicamente, sustentar-se). Parar de discutir política e partir para a viabilidade dos grupos, parar de filosofar e partir para ação.

José Inácio - A formação tem que contribuir, no discurso se afirma as estratégias, mas na prática não se consolida. Deve-se perceber a realidade de cada grupo, a formação deve ser feita no local, pelo menos uma grande parte, de forma a envolver o coletivo. O grupo levanta a demanda e a gestão tenta trabalhar.

Luiz Teixeira - Sou o mais antigo artesão do local. Fui em um grupo de artesão, qualidade péssima, e produto que não tinha muita demanda. Produzindo o ano inteiro, de forma que possa competir com a indústria. Competitividade no mercado, deve sim ser visto o respeito ao meio ambiente, respeito ao ser humano, cooperação, temos uma produção solidária. Consigo competir com a indústria, junto os parceiros e compramos em quantidade, produzimos juntos, temos menor encargo que as indústrias. Faça um produto de boa qualidade, com competitividade do mercado. O preço de um pote de chimia pode custar 5 reais e ser de uma cooperativa, mas tem um outro que custa 2 reais, eu posso ter a consciência de que aquele produto é agroecológico, mas nem todos têm esse pensamento.

Fernando - Por um lado não se pode ficar pensando apenas na produtividade, e nem por outro lado apenas na inserção do mercado, tem que haver uma junção, como Inácio falou mercado por meio da Economia Solidária.

#### **B) Metodologias:**

- Princípios metodológicos e pedagógicos da educação popular. Elaborar os cursos junto aos grupos, buscando as demandas.
- Vivências de novas relações sociais e éticas - comunitárias.
- Crítica e oposição ao capitalismo.
- Educação popular sendo adaptada, construída e então utilizá-la como instrumento de viabilidade econômica.
- Construir e qualificar uma rede de formadores e multiplicadores.

#### **C) Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores:**

- Uma percepção geral, temos uma prática e trabalho, mas é falho na elaboração de indicadores.

- Construir uma metodologia, onde as atividades sendo sistematizadas, conseqüentemente contribuem para o andamento do EES e um direcionamento daqueles que estão assessorando. Tem que ser visto claramente qual o objetivo a ser proposto, para cada empreendimento, sendo que cada grupo tem seu mundo, suas especificidades, e então como abarcar todas essas diferenças de um mesmo grupo.
- Perceber qual o processo de formação no EES.

#### **D) Relação com as políticas públicas:**

- Gestores públicos que se sensibilizem e priorizem a ES. Mas sabemos que mesmo alguns gestores públicos que priorizam têm resistência em institucionalizar.
- Criar diretores que construam estratégias de ação, não ficando apenas no discurso de ES.
- Capacidade de construir estratégias a partir da ES conquistando espaços nos setores públicos.
- Estamos num processo de conquistas, temos que pensar qual a nossa formação enquanto políticas públicas, de forma que a ES não dependa da mudança de governo. ES necessita trabalhar e discutir ações permanentes.
- Economia Solidária não deveria ser nem de direita ou esquerda.
- Percebe-se que o Movimento de ES fica esperando o que vem do governo, da SENAES. Existe uma inércia em relação ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária e a SENAES. Até agora essa parceria está sendo positiva, mas até quando isso permanecerá.
- Existe o discurso da ES, mas faltam estratégias de ação.
- A ES não domina a dinâmica dos setores públicos, não intervém e, portanto não há mudanças.
- O Fórum Brasileiro de ES deveria fazer discussões separadas da SENAES.
- Em Cidreira a prefeitura não nos apoia, porque a mesma não entende o que é ES.

### **3.2.6 Socialização das experiências: Grupo 05 – cantina**

Secretario(a): Vera Lúcia Hoffmann Pieritz

Relator: Richard Gomes

Integrantes: Richard Gomes–RS (EMREDE)<sup>20</sup>; Márcio André Mazzon – RS (CARITAS)<sup>21</sup>; Vera Lúcia Hoffmann Pieritz– SC (ITCP/FURB)<sup>22</sup>; José Alex B. Mendes–RS (QUILOMBOLAS)<sup>23</sup>; Roque Ademir Favarin – SC (CARITAS)<sup>24</sup>.

Participação especial: Ieda Zimmermann – RS (UNIJUÍ)

#### **3.2.6.1 Relato das experiências:**

<sup>20</sup> Artesão. Integra o Conselho executivo da EMREDE – Rede de Empreendimentos Solidários do Rio Grande do Sul. Coordenador do Planseq EMREDE/RS-PR. Integra o FGEPS (Fórum Gaúcho da Economia Popular Solidária) e o GT-Formação/RS. [emreders@yahoo.com.br](mailto:emreders@yahoo.com.br) / [richard-emrede@bol.com.br](mailto:richard-emrede@bol.com.br)

<sup>21</sup> [marciomazzon@ig.com.br](mailto:marciomazzon@ig.com.br)

<sup>22</sup> Assistente Social (FURB). Mestranda da turma IV do Mestrado em Desenvolvimento Regional (FURB). Assessora Social da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Regional de Blumenau (ITCP/FURB). ([itcp@furb.br](mailto:itcp@furb.br); [vera\\_pieritz@yahoo.com.br](mailto:vera_pieritz@yahoo.com.br))

<sup>23</sup> [elto\\_santos@hotmail.com](mailto:elto_santos@hotmail.com)

<sup>24</sup> Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade do Oeste da Santa Catarina - Campus de Videira (1997). Atualmente é coordenação - Caritas Brasileira Regionall Santa Catarina. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia. Está cursando especialização em "Movimentos Sociais, Democracia Participativa e Organizações Populares" pela Universidade Federal de Minas Gerais- Prodep, em parceria com Caritas Brasileira e Instituto Cultiva ([prafarin@yahoo.com.br](mailto:prafarin@yahoo.com.br))

**a) Richard Gomes– RS (EMREDE):**

A EMREDE é uma rede de empreendimentos econômicos autogestionários, articulada para realizar negócios, a partir de uma estrutura orgânica horizontalizada, tendo a assembléia dos sócios como sua instância mãe, os empreendimentos se articulam em núcleos por segmentos econômicos e um conselho administrativo para zelar pelo patrimônio do coletivo. Seus integrantes podem ser desde unidades produtivas, núcleos familiares/mista de produção, associações, cooperativas, empresas solidárias, ONGs, OSCIPS, ou seja, toda forma de organização autogetionária com fim econômico e predisposição à coletividade.

A experiência que relatamos, consideramos relevante desde quando defendemos que não há fazer sem saber, nem saber sem fazer; fundamentalmente na Eco-Sol, quando entendemos que a Formação/Educação somente será forjada se desenvolvida num processo interativo com os empreendimentos.

A “Gestão Comercial do Centro Experimental EMREDE no FSM 2005” iniciou-se em setembro de 2004 e culminou ao final de fevereiro de 2005, abrangendo desde sede da EMREDE (Porto Alegre), diversos municípios no RS, estabelecendo parcerias com empreendimentos de agricultores familiares e empreendimentos da gastronomia e alimentos ecológicos do RJ. Objetivamos beneficiar os empreendimentos vinculados a Rede, parceiros constantes e parceiros convidados; envolvendo diretamente cerca de 250 pessoas em 48 empreendimentos.

Foi um processo contínuo em um período de seis meses; desde a elaboração do planejamento e projeto: organizar, planejar ações, distribuir responsabilidades, informar, construir metas em diferentes e diversos momentos do coletivo de associados para a gestão comercial do espaço de todos, realizando oficinas nos municípios e com os empreendimentos nos diversos segmentos. Todas as etapas vivenciadas e construídas no coletivo em autogestão a partir dos segmentos produtivos (alimentação, confecção, artesanato, edições e publicações gráficas, artes plásticas e mercearia). Reuniões, oficinas e seminários por segmentos e gerais. Construção de critérios e desenvolvimento do Fundo solidário EMREDE a partir dos resultados \_ somatório de percentagens das receitas brutas de cada ação comercial de cada empreendimento no evento coletivo. Construção de um patrimônio, constituindo um nicho de negócio coletivo, a EMREDE-eventos; treinamento e elaboração de ferramentas para qualificar a relação com os consumidores e destes com o consumo. Capacitação em procedimentos de atendimento ao público, compras e ações conjuntas solidárias; exercício permanente de cooperação entre diferentes tarefas e ações. Analisar, avaliar e administrar conflitos no processo.

Em síntese realizamos o estudo do projeto do FSM, a elaboração do projeto do Centro Experimental EMREDE, socialização das metas do projeto, estudo do cardápio e ofertas, análise do público alvo do evento, estudo e avaliação dos produtos para oferta na praça de alimentação, no artesanato, mercearia; gestão adequada nas compras priorizando o consumo de produtos da agricultura familiar da Central de abastecimento do FSM 2005organizar e construir a ambientação (decoração, equipamentos, transporte, sinalização, instalações, limpeza). Estudo e elaboração de procedimentos para a gestão financeira: caixa, tesouraria; dentro de um critério de coletivo junto e não de individualidades ocupando o mesmo espaço. Planilhas de custos-investimento. Procedimentos para registro de receitas brutas diárias por empreendimentos para exercício de análise de gestão financeira.

**b) Vera Lúcia Hoffmann Pieritz – SC (ITCP/FURB): RESVI – Rede de Economia Solidária do Vale do Itajaí.**

A Rede de Economia Solidária (RESVI) recebe desde a sua criação em março de 2000, assessoria da ITCP/FURB com o objetivo de definir estratégias de articulação a partir do princípio de que a Economia Solidária se constitui em rede. A RESVI pode ser

compreendida como um movimento em rede por se constituir de ações coletivas desenvolvidas por organizações populares na perspectiva de retroalimentar o movimento dos Empreendimentos de Economia Solidária (EES) na garantia de cidadania e acessibilidade aos direitos sociais. A metodologia de ação da RESVI caracteriza-se por reuniões mensais, coordenadas por uma comissão executiva que fica responsável pela RESVI durante um mês. Essa comissão é formada, em cada reunião mensal, por integrantes dos grupos e EES participantes da Rede e tem como atribuição coordenar e planejar a reunião mensal, bem como todas as atividades que competem à RESVI durante aquele mês. Até o momento, já foram realizadas cinquenta (64) reuniões mensais da RESVI.

Uma das mais importantes conquistas desse movimento é a construção da cidadania ativa dos trabalhadores que se transformam em sujeitos de processos políticos participativos e conquistam o direito a uma vida mais digna permeada por interações de cooperação. Outra importante conquista foi o debate estabelecido sobre o papel do poder público municipal na construção de políticas de geração de trabalho e renda, com eixo na economia solidária, que desencadeou ações favoráveis à mesma. Destacam-se como indicadores do processo de empoderamento da RESVI as seguintes ações: a) participação no 1º Encontro Catarinense de Empreendimentos de Economia Solidária; no 1º Encontro Nacional de Empreendimentos de Economia Solidária e na 5ª edição do Fórum Social Mundial; b) representação de membros da RESVI no Fórum Catarinense de Economia Solidária a partir de agosto de 2004 e no Fórum Brasileiro de Economia Solidária a partir abril de 2006; apresentação da RESVI em sessão ordinária na Câmara de Vereadores de Blumenau; c) participação em programas de TV e Rádio; d) participação como membro efetivo na comissão de interlocução do Fórum Catarinense de Economia Solidária com o Governo do Estado, o qual tem o objetivo de discutir e propor uma política de economia solidária para o Estado de Santa Catarina; e) participação em Feiras de Economia Solidária em âmbitos local, estadual e nacional; f) audiências públicas com representantes dos governos municipal, estadual e federal para tratar de assuntos relativos à Economia Solidária; g) realização da Conferência Regional de Economia Solidária em 2006 e participação nas Conferências Estadual e Nacional de Economia Solidária.

### **3.2.6.2: Dentro dos pontos propostos:**

#### **A) Princípios para a formação em economia solidária:**

- Colocar a questão cultural nas concepções destes princípios;
- Capacitar primeiramente os formadores e multiplicadores nos princípios de ES;
- Ter claro a realidade cotidiana dos grupos e empreendimentos;
- Solidariedade de informações e experiências e tecnologias entre as redes, entidades, instituições de ES;
- Envolver o sujeito na formação;

#### **B) Conteúdos:**

- Esclarecimentos teóricos e práticos referentes ao conceitos e princípios de ES;
- Construção de uma nova estrutura social, econômica e ambiental.
- Sustentabilidade econômica, política e social.

#### **C) Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular):**

- Qualificação maior para os formadores e multiplicadores de ES;
- Especialização (aplicação técnica do profissional nos princípios de ES);
- Educação popular, formação a partir de experiências concretas (método Paulo Freire);

- Desenvolvimento local endógeno (cultura local – rede produtiva local) – consumo e produção solidária;

**D) Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores:**

- Criação de um centro de informação em ES;
- Criação da rede de formadores;
- Construção de uma metodologia
- Como criar mecanismos de não apropriação de dados e informações sobre experiências práticas - coletivas de eventos, Fóruns, Formações em benefício próprio?

**E) Relação com as políticas públicas:**

- Compreensão dos tempos diferentes do movimento e do governo (Estado); a ES deve ser uma Política Pública do Estado.
- Cobrar da SENAES o papel estratégico na articulação no Governo Federal;
- Consolidação do Centro Nacional de formação em ES. (Universidade Pública de ES)

**3.3 DIA 07/02/07 (PERÍODO NOTURNO):**

**3.3.1 Pauta:**

Horas	Atividade
19:30 as 21:00	(Relato de uma experiência nacional de formação: a Experiência do MST)

**3.3.2 Relato de uma experiência nacional de formação: a Experiência do MST**



Palestrante:

Comentou que muitos de nós já conhecemos o movimento do MST, portanto não tem tantas novidades.

Como o tema do encontro é formação, devemos observar que a consciência se define se adquire e se formata no meio das atitudes, através de uma consciência social. E a forma ou métodos que utilizamos pode ser, para manter o “status quo” ou para transformar a realidade, ou seja, temos dois tipos de formação política e ideológica, uma para manter outra para transformar a realidade.

Educação, todo mundo faz, a globo faz, o Bradesco faz, a Fundação Banco do Brasil faz. Mas educação popular só as organizações revolucionarias fazem, e aquelas que são transformadoras. Então o MST trabalha no método de educação popular, levando em consideração a consciência e sua renovação.

Algumas constatações:

1) Formação é educação popular com o objetivo de transformar a realidade concreta em que as pessoas vivem, que uma sociedade vive.

2) A formação seja ideológica, organizativa ou das relações econômicas, políticas ou sociais é definida pelas organizações, independentemente de qual seja seu tipo (ES, MST, formal). Então a formação estará balizada nos princípios, parâmetros e objetivos desta organização.

Quais são os objetivos do MST. Basicamente são três: a luta pelo direito da terra, a reforma agrária e a transformação da sociedade. E que estão norteados pelos seguintes princípios:

- a) Construir uma sociedade sem exploradores e onde o trabalho tem supremacia sobre o capital
- b) Um bem de todos. E deve estar a serviço de toda a sociedade.
- c) Garantir trabalho a todos, com justa distribuição da terra, da renda e as riquezas.
- d) Buscar permanentemente a justiça social e igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais.
- e) Difundir os valores humanistas e socialistas nas relações sociais.
- f) Combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher.

Então sob estes princípios e objetivos é que o movimento do MST organiza a formação. E todos devem saber disto.

Portanto, então é isso que os movimentos devem visualizar: 1º) porque é que temos que lutar pela terra? É porque não dá mais para ficar esperando, devemos fazer um abaixo assinado. 2º) Todos que estão acampados, assentados devem saber por que não sai a reforma agrária.

Porque na luta, no dia-a-dia estas pessoas entram em contradição com o sistema.

Quem é que nós somos? É a formação que nos dá esta resposta.

Acreditamos que a reforma agrária não sairá com este modelo econômico.

Então entra outros elementos na formação política ideológica no qual devemos capacitar e formar coletivamente. No sentido de superar o modelo hegemônico da sociedade e construir uma outra sociedade. Então temos uma grande utopia lá na frente, pois se queremos alcançar a reforma agrária temos que derrubar o sistema econômico. Não tem saída.

Além disso, tem os princípios da organização, como o princípio da direção coletiva (ação coletiva). Demonstrando que o processo de formação não se dá apenas em sala de aula, através do professor, e sim na prática e no dia-a-dia nos processos de tomada de decisão coletiva dos dirigentes e componentes do movimento. No qual intitulamos como o dirigente formador.

Por isso a organização é que define o perfil dos seus dirigentes, militantes, seus pares e de seus administradores. Se a nossa organização é de banqueiros, então devemos ser especialistas em explorar os outros, em sacanear. Mas se a nossa organização for como esta que estamos aqui estudando, então a nossa prática é revolucionária, com práticas solidárias e participações delegadas.

Para introduzir a consciência ideológica e organizativa devemos respeitar as particularidades das pessoas, pois elas têm diferentes níveis de consciência (ingênua, crítica). Quando ela atinge uma consciência organizativa é quando o cidadão percebe os problemas que a sociedade e tiver a capacidade de propor como resolvê-los, como superá-los.

A forma de organização depende do grau de consciência social daquele grupo. Então é por isso que no movimento do MST temos assentamentos 100% individuais, tem assentamentos que possuem grupos de associações, outros organizam uma cooperativa. Então neste processo devemos respeitar a vontade popular, e nível de consciência que as pessoas tem, mas se a nossa concepção é de que a cooperação é a nossa estratégia, nós não podemos abandonar estes grupos mais isolados. Tendo que expor a estes grupos as suas vantagens e desvantagens.

Nesse aspecto se faz necessário um plano de formação para todos os tipos de grupos (cooperativas, associações, coordenadores de núcleos) e conseqüentemente todos os formadores.

Temos que nos preparar nessa questão da pedagogia, nós temos vários cursos hoje a nível médio. E outros cursos, temos convênios entre cursos formais e informais de formação política, mais de 50 convênios com universidades. Vamos nos reciclando e capacitando,

nesse aspecto nós temos a nível nacional 2 mil militantes, fazendo curso superior, nacional. O nosso movimento nos últimos anos, não estuda quem não quer, tem muita oportunidade para estudar. Nesse sentido a formação tem que ser um processo continuado. Temos que pensar, que tipo de formação nós queremos.

**Debate:**

**Fala 01:** Erasmus Pavesi: Acompanhando o MST há anos, aqui no Estado, a partir do momento que o MST divulgou aquele princípio de plantar, produzir, ocupar o meio de produção que às vezes a ES esquece, parece que na formação não aparece, vamos produzir, quero dizer vamos para o mercado capitalista. **Você acha que essa formação muito filosófica, sociológica, de crítica ao modelo capitalista, de crítica ao mercado, não impediu num primeiro momento a entrada no mercado, as cooperativas que o MST tem, de ganhar mercado, aprender a gestão do negócio e ir para o mercado capitalista, faltou essa formação?** Ou isso influenciou positivamente. **Vocês não perceberam que tinham um despreparo na gestão?** Porque hoje, a Cooperoeste, é um modelo vitorioso na questão do leite.

**Fala 02:** Roque Ademir Favarin: a minha pergunta vai de encontro ao que o Erasmo estava falando, que nós da ES não debatemos muito sobre que modelo de sociedade nós queremos, nós circulamos sobre o desenvolvimento solidário, mais pouco se discute abertamente. Há hoje pesquisas que nós estamos com a ES sendo mais uma oportunidade do mercado, mais um anexo no processo de produção. O que se vê na prática tanto quem assessora quanto os empreendimentos, grande parte deles, na relação com o mercado, não conseguir vender acabam sendo incluídos e assumindo a formação do mercado e não a nossa formação?

**Fala 03:** Richard Gomes: Primeiro momento eu não concordo com essa idéia que a ES não discute a sociedade politicamente, no momento que ela se torna uma ES se contrapondo o próprio sistema capitalista. A ES numa questão ideológica, seus princípios, seus conceitos.

**Fala 04:** José Inácio Konzen: É obvio que os empreendimentos não vão se organizar como grupo de ES porque a princípio muitas vezes não tem clareza, e aderem por não terem outras alternativas, no processo de formação tem que lembrar disso. O MST é um processo, tanto quanto a ES. Quem participa do MST tem um perfil mais ou menos definido é alguém que não tem terra, e está num assentamento para conseguir alguma coisa, estando já num processo coletivo, isso não está pautado na ES, é um outro processo.

**Fala 05:** Palestrante: No processo se vai aprendendo, MST é um movimento contraditório, nós não somos homogêneos, é popular, de massa, sindical e política. Quando eu entrei no MST a concepção de cooperação, pequenas associação, não podia ser grande associação, no máximo 10 pessoas. Associação depois cooperativa, então foi avançando nessa concepção. É importante que a economia e a política se não andam juntos, Leni dizia que “a política precede a economia”, para nós tem que ser primeiro a política. No nosso país inverteu primeiro é a parte econômica para depois a política.

### 3.4 DIA 08/02/07 (PERÍODO MATUTINO):

#### 3.4.1 Pauta:

Horas	Atividade
8:30	Plenária – Apresentação e debates do trabalho dos grupos

<b>as 12:00</b>	Obs. Os relatores dos grupos farão o relato do resultado dos trabalhos em grupos que serão comentados pelo facilitador (Elisabete) e por um representante de empreendimento e após seguir-se-á ao debate em plenário
-----------------	--

### 3.4.2 Plenária – Apresentação e debates do trabalho dos grupos

Foram realizadas as apresentações das Socializações das experiências dos cinco grupos, que foram desenvolvidas no “*Grupo de Trabalho 01*”. No qual os participantes relataram as suas experiências considerando as contribuições que os mesmos no que diz respeito aos “Princípios para a formação em economia solidária: Conteúdos; Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular); Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores; Relação com as políticas públicas”

Debate:

**Fala 01:** Richard Gomes – pontos levantados nos grupos que tem que ser melhor debatido, um ponto são as incubadoras, desde ontem, já levantei a questão do papel da universidade para a ES, o papel da incubadora dentro das universidades dentro do trajeto político de discussão, isso tem que ser aprofundado. Para mim as incubadoras têm o papel de criar empreendimentos dependentes da geracionalidade, foi falado aqui ainda hoje, que no momento em que sai a incubadora o empreendimento se desmancha, não sabe mais o que fazer, é claro no sul esse acontecimento. Nós empreendimentos não somos animal de laboratório, incuba e para mim os empreendimentos são ratos de laboratório, isso para mim está na mesma lógica da universidade de criar um produto para o mercado. Temos que discutir o papel da universidade nessa relação, e o papel da incubadora na construção dessa nova universidade que a gente quer, assim construirão um perfil de incubadora na qual os empreendimentos irão criar educação para autonomia. Outra questão, a formalização, legalização, nossa renda é composta desde a unidade produtiva que é o indivíduo até grupo de produção, grupo familiar, associação, cooperativas, nossa rede tem de tudo, toda forma de organização de trabalho é bem vinda. E a formalização quando se organiza nos princípios de ES, tendo contribuição, pagando o INSS, não explora mão de obra, todo o cidadão brasileiro que realiza qualquer tipo de trabalho não pode sonegar tem que pagar, é um benefício próprio, isso é a formalização. Legalização, processo burocrático, é válido. Falaram aqui que há grupos que não aceitam formalização, é um absurdo, todo grupo da ES tem que ser formais, o INSS é a aposentadoria, garantia.

**Fala 02:** Marco Antônio Rodrigues – não imaginei que estivéssemos no momento que esse debate poderia apontar com a possibilidade de uma universidade, mas acho isso fantástico, não por causa da sedução da universidade. Preferiria até uma outra instituição, porque parece que a universidade já encaixa os indivíduos na divisão do trabalho que temos hoje. Se a Economia Popular Solidária gerar uma universidade tenho certeza que temos ancora para construir algo alternativo. Conseguir construir um olhar que se alimente da igualdade, que se organize e se desenvolva a partir disso. Referente à frase onde a ES não é nem de direita ou esquerda, eu queria entrar no conteúdo, para quem está disputando de verdade um rumo socialista para o Brasil, não pode se colocar num horizonte onde o governo de esquerda não se reconheça como movimento de esquerda e o movimento de esquerda não se reconheça num governo de esquerda. É o seguinte nenhum partido político gera transição socialista, nenhuma liderança política gera transição socialista, nenhuma frente de partido gera transição socialista, nenhuma classe social gera transição socialista, só gera transição socialista o próprio histórico, ou seja, um compacto de classes sociais, intelectuais, grupos, artistas, é só esse impacto que tem essa força para puxar uma sociedade inteira para uma nova ordem. O que temos que pensar daqui para frente é o imaginário de

que o rumo socialista se materializa num bloco histórico que inclui deputados, parlamentares, intelectuais, artistas, classes sociais, organizações sindicais, presidente da república, nós temos que reconhecer que somos um bloco histórico alternativo. O nosso esforço é ter capacidade de reconhecer que nenhum de nós, nem uma classe social inteira é capacidade de fazer uma transição dessas. Construir essa identidade social.

**Fala 03: Elisabete Tamanini** - Penso que ter essa discussão, que tipo de avanço a gente vai ter, quais os mais qualitativos estratégicos desse evento, como a Edinara falou a gente tem uma maturidade nas expressões de todos os grupos e que tem semelhanças, sintonia, essa ética da ES, das posturas, que estão presentes nos documentos já formulados, eu foliei alguns documentos agora de novo, e tudo que a gente comentou aqui está presente nos documentos. É interessante o aprofundamento que a gente vem tendo, gostaria de levantar coisas que foram levantadas nos grupos, Zé Inácio, coisas de ontem do padre Roque, do colega Richard, são questões que não vamos dar conta construir uma frase bonitinha, certinha, vamos construindo num processo, coisas para gente ir pensando cada vez mais, que a gente não vai dar conta de romper isso que nós já maturamos está na hora da gente transformar isso, construa posturas, uma coisa que fica claro que a gente precisa refletir agora é a relação das parcerias os companheiros, os parceiros que fazem parte da ES. Hoje nós estamos muito ancorados nas universidades, do ponto de vista político, do ponto de vista ideológico, as universidades têm um ponto de vista de proteger a sociedade. As universidades foram criadas para proteger a sociedade, o universal, porém são berços de proteção, sempre se espera. que a universidade seja um lugar de proteção do sujeito. Mas nossa caminhada tem um rumo, as universidades sabem o rumo que estamos tomando, as formações, as universidades são instituições políticas, servem a alguém também, servem ao prefeito, aos interesses de alguns. Trabalho na linha da educação popular, qual é o uso que a universidade está fazendo também, temos que ter clareza nas nossas parcerias desses acordos que fazemos com as universidades, outra coisa que entra nesse acordo é essa idéia, porque que nós temos dentro da ES. Uma proposta arrojada, no sentido de mudar o mundo, uma cultura diferenciada, uma moeda diferenciada, a gente precisa engolir essas idéias de incubações, quero dizer que os acordos que as universidades fizerem - sistema S, a idéia das incubadoras, a idéia do produto, de criar setores específicos era para derrubar um conceito chave da universidade, que era, ensino pesquisa e extensão, em que a universidade neoliberalista dissocia ensino, pesquisa e extensão, colocando então no quesito extensão colocar incubadoras. O sistema S veio para as universidades negociar, os professores começaram a reagir contra esse modelo neoliberal, fazer consultorias rápidas, essa questão de formar pessoas, formava, mas não se sabia para que. Nós temos que fazer uma leitura agora que existe um conceito que foi posto, a incubadora, mas temos que ver aos poucos que linguagem a gente vai usar junto às universidades, porque hoje podemos fazer parcerias solidárias, projetos de extensão, são projetos de formação, capacitação, de desenvolvimento sustentável. Então há muitas universidades em Santa Catarina que eu tenho uma leitura que se aproveitam desse conceito, captam recurso se transformam prestadoras de serviço, ganham dinheiro, e nós vamos entrando nisso sem fazer uma reflexão. As universidades ganham muito dinheiro, então assim, quais são as perguntas que a gente tem que fazer, quais são os nossos parceiros, nós temos uma leitura, em relação à metodologia do sistema S, não só o Sebrae. Temos que procurar instituições que vem de encontro com as nossas propostas. Nós temos que romper, fazer discussões a fim de fazermos parcerias, nós temos que abrir leques, Pronac, Ministério da Cultura, com o Ministério da Educação, nas relações de fomento, e temos que responsabilizar, hoje temos 8 ministérios discutindo referente a importância da legislação da ES. Temos que fazer um olhar crítico em relação a assessoria dada a grupos, respeitando a cultura, os costumes. Levar em conta o desenvolvimento local, muitas capacitações vão para a comunidade e não olham aquela cultura, temos experiências

incubadas que não tem nada a ver, temos que ter um olhar crítico em relação às incubagens para que não façam algo sem nexos com os grupos. Temos que prestar atenção nas incubagens, outra coisa que também temos que levar em conta é a nossa formação e capacitação hoje, temos dois focos para prestarmos a atenção. Essa educação se formalizará no foco da instituição formal ou na educação popular. Nesses dois focos temos que estudar e capacitar, ficar preparados para discutir, debater, fazer um acompanhamento processual, contínuo e gradativo, um cursinho de 20 horas não é uma formação e capacitação em ES, temos que ter uma consciência conceitual para que possamos investir nisso, ou a gente abandona a questão da capacitação e formação, mas a ES é um projeto social.

**Fala 04:** Luis Francisco Teixeira - está acontecendo no Rio Grande do Sul, em que começou a prática aonde chegam num local e tentam capacitar às pessoas numa semana, num curso muito rápido, distribuem 20 a 30 carteirinhas de artesãos, e assim pensam que estão gerando emprego. O que acontece - uma semana depois as pessoas investem o que não tem num produto sem qualidade e na prática eles não conseguem comercializar, não tem identidade, virando assim uma outra comunidade os desempregados sem emprego. As pessoas fazem produtos muito ruins sem apelo comercial, nós temos que ser solidários na produção, como eu disse ontem no grupo, mas na hora da venda não há, o artesão tem a mania de pensar que é artista, mas o produto tem que ter competitividade e qualidade, tendo uma produção e uma venda. No artesanato é diferente, se uma pessoa vende um produto por R\$50 reais, algumas pessoas não irão comprar. O pessoal que trabalha comigo, na associação no fim, todos querem o dinheiro de cada um, então a ES se não competir no mercado nós não vamos levar em frente essa idéia, porque a ES age como um ser humano diferente. Eu por exemplo há três anos atrás era impossível aderir ao associativismo, eu tinha uma idéia egoísta, a produção é minha, não tinha como eu repartir nem o meu saber e nem o meu ganho. A partir do momento que eu comecei a vivenciar a ES houve um processo de conscientização, que mudou minha relação com os meus parceiros de trabalho, minha família, meu mundo, mas de qualquer forma eu ainda continuo querendo economicamente falando as mesmas coisas que eu queria, mas só que hoje a minha produção é solidária, o meu conceito de vida também. Qualidade de vida, da preservação da natureza, isso está dentro da produção, nós não vamos produzir algo que agrida a natureza, cuidado até com as sobras de tecido, embalagens. Hoje além de produzir conscientizamos aqueles que entram, e há uns anos atrás eu não ligava com esse tipo de coisa, eu acho então que a ES vem para mudar a pessoa, o conceito, mas também não são todos, nós temos 40 artesãos, mas acho que uns 10 mudaram o pensamento e comportamento, enquanto que o resto continua egoísta, mesmo sabendo que estão dentro de um empreendimento solidário. As pessoas falam, o discurso é bonito, mas chega na hora não tem uma praticidade na comercialização.

**Fala 05:** Paulo Cezar Padilha - sou professor de filosofia numa universidade e professor de economia em outra, a partir de ontem à tarde nos grupos, eu ouvi críticas pertinentes as incubadoras, mas o vínculo de dependência que se estabelece entre o ambiente da incubadora e o empreendimento é diferente sindicato com a empresa, não produz vínculo, a questão é esta, é intencional, ou é inconsciente, é aprendido. A universidade é alvo de muitas críticas, muitas dessas críticas eu também faço. Agora não podemos pensar que na universidade não tem pessoas que querem mudanças também, a gente também quer mudança, briga com reitor, administração. E seria um equívoco isolar o potencial da forma que é a universidade, dizendo que tem os 5 S, mas o que não tem na universidade, tem branco, amarelo, negro, tem de tudo lá dentro. Não é negando uma estrutura que vai acontecer outra. À esquerda e à direita, a escrita foi de uma forma um tanto sem elaboração, queríamos dizer que nos municípios menores a ES sim, está muito

vinculada aos partidos políticos, tanto que a partir de cada eleição quem estava na ES era pressionado. O que a gente quis passar com aquela mensagem foi a ES não é de direita, não é de esquerda, não é nada, é do povo, é de quem quiser aderir a esse movimento.

**Fala 06:** Edinara Terezinha de Andrade - não é fazer a defesa das ITCP e das Universidades, sabemos que existe problemas, que tem fragilidades na metodologia, mas enfim, a FASE fez uma pesquisa de todas as ITCP's, tanto da Rede da UNITRABALHO quanto na rede ITCP's, apresentaram os resultados e ficou claro que onde as ITCP's estão presentes, a ES está mais fortalecida nessas regiões. Acho que as universidades têm um papel importante, tem conseguido promover ES sim, nós temos problemas, inclusive nós agora na FURB vamos fazer um seminário de avaliação da nossa metodologia porque percebemos que tem problemas. A questão da dependência, quero resgatar uma fala do Gonçalo que fala da questão do tempo, onde os empreendimentos onde trabalhamos não podemos utilizar o mesmo tempo que o empreendimento formal, se esses empreendimento que já são contabilizados, sabe-se que após um ano, de cada 100 empreendimento, cinco não passam do primeiro ano, os nossos tem muito mais fragilidade ainda. Então quando vamos trabalhar não só com a sustentabilidade, mas também com a formação, tem que considerar o tempo. Quando for planejar, por exemplo, com catadores de materiais reciclados, que são pessoas que pensam no dia de hoje, trabalham para comer, como fazer um plano de um ano, eles não conseguem ter essa concepção, uma diarista por exemplo, que trabalha todos os dias por semana e que ganha por dia R\$ 50 reais por dia, ela chega a ganhar R\$1000.00, parece ser um ótimo salário, mas a diarista trabalha com a lógica diária, trabalha para comer hoje, não consegue planejar, portanto tem que fazer todo um trabalho com a pessoa para que ela possa planejar. Nós temos que considerar que o tempo do catador é um, da diarista é outro e quem trabalha semanalmente é outro, quem trabalha mensalmente é outro. Nós que temos trabalho fixo podemos fazer planos para um ano, dois anos, mas o nosso público não tem esse tempo, trabalham para o dia de hoje, ou para a semana, então temos que considerar isso. Já na questão da produção tem que ser sim comercializado, mas temos que trabalhar para a formação para o consumo solidário. O consumo solidário é tão importante quanto à produção, e formação de ES tem que trabalhar neste sentido.

**Fala 07:** Erasmus Pavesi - Polêmica das ITCPs, não tem o que questionar, elas então dentro de uma instituição educacional, quando se discute formação acaba jogando o foco, mas não é por aí, a cobrança está sendo um tanto grande, a incubadora só por estar dentro de uma instituição educacional tem que saber tudo, mas não é assim a dinâmica. O que se cobra numa incubadora, o que se cobra de uma ANTEAG que também tem o papel de dar assessoria, formação, estamos construindo a metodologia, ainda não está pronta, e o problema das incubadoras é que muitas estão dentro das universidades que têm uma direção em que a incubadora tem que ser rentável, tem essa cobrança. O papel das incubadoras é inegável no Brasil inteiro, elas prestam serviços para empreendimentos populares. Essa polemica da formação, a questão da formação da ES tem que acontecer, a SENAES deve quebrar a cabeça para achar uma saída, mas a questão é a seguinte como vamos divulgar e massificar a questão da ES para o público consumidor, isso se reduzir apenas ao papel de consumidor, essa marca da ES, o que é ES, sendo que a maioria dos trabalhadores ainda não estão qualificados, preparados para gerir o próprio empreendimento, muitos desses empreendimentos ainda não passaram de cinco anos de existência, ainda não se considera ainda estáveis no mercado. Temos que adiantar a discussão de selo da ES, não sei se conseguimos criar um no Brasil, mas unificar esse selo social, porque a hora de massificar a idéia do que é ES, pois se hoje percebemos que tem pessoas deturpando, aproveitando, a hora que a SENAES tiver verba para jogar na mídia o que é ES e divulgar, é preciso casar a divulgação do que é ES, com o selo de qualificação da ES e dos empreendimentos e com a

legislação. Se nós não fecharmos essas coisas como legislação, selo de economia solidária, todo o processo de formação, só vai receber o selo os empreendimentos que estiverem dentro de um processo de formação, o selo tem que estar casado com a qualificação, então esses são os desafios que estão colocados para o fórum brasileiro, a qualificação é a base dessa ES, temos que fechar a metodologia de ES, a identidade que poderão ser passados por este selo, temos que amarrar essas coisas, temos que massificar o nome do que é a ES ir para o Mercosul, nós temos que amarrar essas discussões.

**Fala 08:** Marly Batista Oliveira – Eu só quero trazer uma angústia, quando nós tivemos que aderir o movimento ES encontramos barreiras no 3º setor, parece que, pelo menos em Curitiba, a prerrogativa com relação ao desenvolvimento da economia, a formação da ES e incubação parece que a incubação era realizada apenas pelas universidades e sindicatos, o 3º setor parece ter sido totalmente excluído do processo. Se a ES é um movimento do povo, porque que o 3º setor não é conclamado, pois a participação deste é pouca na ES, eu acredito que o 3º setor tem muito a contribuir para o fortalecimento da ES. Esse olhar que a incubação e formação são atuações dos sindicatos e das universidades prejudica nosso trabalho. Em Curitiba encontramos bloqueios principalmente dos órgãos institucionais.

**Fala 09:** Roque Ademir Favarin - estamos debatendo aqui a formação, educação, Elizabeth falou aqui que educação é um processo, é continuidade. Na ES os empreendimentos têm um processo de aprendizagem, aprendem a produzir solidariamente, mas tem que aprender a consumir solidariamente os produtos, mas também os empreendimentos não sobrevivem sem vender seus produtos. Educar o consumidor a consumir produtos da ES, e não só os próprios participantes aderirem os produtos. Nós queremos produzir produtos para a sobrevivência do grupo ou para propor uma nova sociedade, essa é a questão de educação com o processo, uma outra questão, que estamos aqui na oficina junto com a SENAES, e precisamos discutir o nosso desafio na oficina, qual o projeto político pedagógico que nós queremos com a ES, qual é o nosso projeto de formação, queremos ou não uma educação formal ou informal, onde em meio de tantas experiências com a universidade, com as entidades, o que apareceu foi discussões sobre os princípios, metodologia. A nossa capacidade e luta da ES com os empreendimentos é que vai ou não complementar uma política pública de ES, ou será apenas uma política de poder, para garantir uma política pública de estado depende da nossa forma de atuação, articulação, movimentação.

**Fala 10:** Richard Gomes – quando os empreendimentos levantam questões, penso que esse empreendimento quando faz questionamentos significa que é bem formado, e parabéns para seus formadores. Nós temos um fórum que é político também, todos aqui estão representando entidades que participam do Fórum Brasileiro de ES. Não gostaria de ver que os formadores estão se opondo as universidades, é necessário. Já sabemos que o sistema S não é parceiro nosso isso tudo já foi discutido, temos documentos que já discutiram isso. Temos um documento que é governamental. O sistema S é quase um estado paralelo a ES. A ES é uma proposta nova de sociedade. Não gostaria que os formadores saíssem daqui querendo armar contra as universidades, acabando com a parceria com as universidades, é necessário.

**Fala 11:** Valmor Schiochet - a partir de experiências de formação estamos construindo um acumulado de informações neste processo de formação, ponto de vista da formação a partir de alguns temas como, metodologia, ensino, conteúdo, e como o processo de formação contribui na construção da ES. Hoje de manhã então foram expostas as

experiências relatadas ontem em grupo, hoje foram levantadas questões que poderão ser aprofundadas na parte da tarde. Então a partir desses eixos, ensino, conteúdo, metodologias, sistematização em relação à formação, na parte da tarde deveremos contribuir para consolidar esse acúmulo do debate a partir das experiências. Então é isso que está previsto para essa tarde.

## **APRESENTAÇÃO DO CASO DO RIO GRANDE DO SUL**

**José Inácio Konzen**

É um projeto que está dentro de uma entidade, mas todo o processo de discussão se deu em parceria com o fórum, desde a seleção da equipe, instrumentos. Naquele momento o fórum fez uma discussão, quais seriam as questões. Indicados quatro eixos centrais: viabilidade econômica, processo permanente de mapeamento, formação e comunicação/divulgação. Qual era a forma que a coordenação tinha para viabilizar isto, não tinha nenhum projeto que permitisse organizar grandes trabalhos, então através dos Gt's pode ser viável o trabalho. O GT de mapeamento se agregou, o de formação articulou em 2004 discussões, o de comunicação/divulgação não chegou a ter uma dinâmica.

Para se ter um processo mais articulado e que tenha resultados, precisa-se de uma proposta de trabalho qualificada e se possível vincular a algum projeto que permita isso. No final de 2004 tínhamos duas propostas: uma era ter um processo organizado de sistematização de experiências de formação em ES no Rio Grande do Sul e a outra proposta era de iniciar em alguma experiência de formação de forma mais articulada no estado. A proposta é de fazer a discussão de qual é a identidade, os princípios da ES e como se relacionam com as políticas públicas. Na discussão, na parceria com a SENAES, teria recursos e seria politicamente interessante esse projeto ser trabalhado. Teve apoio financeiro da SENAES – 50.000.00 mil reais através da Fundação Banco do Brasil.

Na prática como esse projeto funcionou, foi selecionado uma equipe de 3 pessoas, eram educadores - técnicos, José Inácio, Telmo, Adair e mais uma estagiária. Desde o início se construir as atividades do projeto com uma condição, uma pessoa por cada uma das sete regionais que estavam identificadas no projeto que tinham referência para esse processo. Com essa equipe iniciou-se a construção do calendário e o projeto já tinha sido montado de forma a ter algum instrumento de levantamento das experiências. Fizemos um roteiro com uma ficha para as entidades que realizam, fazendo também uma ficha para os empreendimentos que participaram. Foram passadas as fichas para as entidades que iriam realizar e as mesmas ficaram responsáveis em repassar as fichas para o mínimo de empreendimentos que participaram. Essas fichas identificavam experiências, mas também provocavam reflexões sobre as metodologias, os conteúdos, resultados, em que medida isso implicou na instrumentalização dos empreendimentos. Que aspectos positivos e negativos se identificaram e também que demandas continuam sendo identificadas.

Relacionada aos instrumentos foram realizadas sete oficinas regionais, nas principais regiões do fórum do RS, que era uma em Ijuí, Passo Fundo, Santa Maria, Rio Grande, Porto Alegre, São Leopoldo e Caxias. Dessas oficinas participaram ao todo 167 pessoas, 38 entidades de apoio e 63 empreendimentos. Se comparamos o universo de empreendimentos mapeados o número que participaram é insignificante, no estado foram mapeados 1.634 empreendimentos, para 63 é insignificante. Mas se olharmos como um processo organizado, de troca de experiência podemos dizer que foi significativo. Foram realizadas as sete oficinas nos meses de setembro e novembro, sendo que em janeiro foi realizado a oficina estadual.

Então o processo do projeto era fazer essa identificação das experiências, fazendo uma reflexão quando se fala em sistematização, não é simplesmente um mapeamento, relato do que as entidades fazem. Quais eram os objetivos do projeto, era obviamente fazer essa

sistematização, troca de experiências, reflexões dos seus processos, metodologia, resultados, com isso começar a identificar propostas, diretrizes. Também começar a discutir e iniciar e construir uma rede de formadores.

O projeto no final de fevereiro encerra, enquanto conclusão dessas oficinas, fichas, relatório que está previsto uma publicação. Esse processo não está dando grandes conclusões e resultados, o que está permitindo mostrar é o processo coletivo, de reflexão de todos da realidade, experiência de formação, de uma boa parte delas, não todas. E um consenso em termos de metodologia, de demandas e prioridades a serem trabalhadas, de como continuar garantindo um processo mais articulado e que para isso precisa se constituir algum sistema, alguma estrutura que trabalhe em busca de recursos.

Constituir um GT de formação do fórum, constituir uma rede de formadores e se agrega na discussão em que rede de formadores não é só formadores das entidades que realizam a formação. Está se construindo uma proposta de formadores e multiplicadores, que seria uma rede conjunta, onde os formadores seriam as pessoas mais identificadas com as entidades que realizam. E multiplicadores está se discutindo que seriam as pessoas de empreendimentos que pela sua trajetória, capacidade, tem condições de contribuir com os outros empreendimentos, mas que precisa também de um sustento, de uma força mais organizada. Que inicie uma discussão com as entidades e empreendimentos em relação à constituição da rede, portanto identificação de pessoas. Constituir um projeto enquanto fórum de estado em que a questão central é o projeto de formação de formadores e multiplicadores, mas que também já comecem enquanto processo de formação para os empreendimentos.

Configuramos uma síntese de tópicos quanto às condições operacionais que as entidades têm para realizar as atividades de formação, questões relacionadas à metodologia, questões relacionadas aos conteúdos da formação, quanto à motivação, mobilização e dificuldades para participação. Foi discutido nas oficinas como são definidas as atividades, são as entidades que se propõem, os empreendimentos que nunca participam, como que os empreendimentos decidem quem vai, como que essa pessoa que vai participa, como é o retorno que o mesmo dá ao empreendimento. É um processo individual, é um processo coletivo, outra questão era quanto à formação para o processo organizativo dos empreendimentos e dos espaços de articulação, quanto à formação para as políticas públicas, quanto à articulação das entidades em torno da formação. Quais os temas que as entidades mais trabalham, quais os temas que os empreendimentos mais demandam ou mais interessam, como surgiram as atividades por dentro das entidades, como analisar os resultados e como foram alcançados. Depois da oficina estadual, todo esse processo resultante das oficinas regionais foi aprofundado, o primeiro debate feito entre entidades e empreendimentos sobre o que caracteriza, quais são as idéias do processo da realidade do estado, quais as principais dificuldades identificadas, logo depois foi dividido em dois grupos por entidades e um grupo por empreendimento, aprofundamos que referenciais de metodologia, de demandas prioritárias cada um identifica.

Algumas questões, a formação precisa ser trabalhada no processo, esse processo significa a construção já integrada entre entidades, gestores, empreendimentos e a identificação das demandas, das organizações das atividades, em contraposição, trabalhar a compreensão de realização, em oficinas, cursos oferecidas pelas entidades. Contesta que formação é processo, então tudo é formação e que, portanto não precisa ter um processo organizado, planejado, construir atividades para a formação, essa é uma questão que continua em discussão. O projeto foi realizado pós período eleitoral, final de ano, um período um tanto inadequado, isso gerou problemas de tempo e qualidade. A socialização e sistematização são necessárias, quase ninguém consegue fazer.

Debate:

**Fala 01:** Ana Beatriz Baron Ludvig – Só quero perguntar se no relatório tem o nome da pessoa da fundação Banco do Brasil, para que possamos ligar para liberar o projeto aqui em Santa Catarina.

**Fala 02:** José Inácio Konzen – na verdade o projeto foi concretizado com a SENAES e Fundação Banco do Brasil, sendo que o projeto se desenvolveu em setembro, outubro, novembro, dezembro, mas não consegue ter um curso normal, a equipe técnica por exemplo está sem receber desde o mês dezembro, por mera questão de operacionalidade da Fundação do Banco do Brasil.

**Fala 03:** Edinara Terezinha de Andrade – a provocação da Ana não é tanto em relação a Banco do Brasil, mas porque a SENAES financia um projeto no Rio Grande do Sul e não financia em Santa Catarina, Paraná ou em outro estado.

**Fala 04:** Valmor Schiochet – primeiro critério, é o único Fórum Brasileiro que tem um GT de formação constituído e com acúmulo de discussão sobre a questão de formação. A relação com o Fórum Brasileiro é este projeto aqui, com esta oficina regional, em relação ao processo de formação e o fórum Brasileiro apostamos num projeto nacional, este projeto do fórum do Rio Grande do Sul tem uma construção histórica Específica dada a organização do fórum e a prioridade da formação e que para nós é um instrumento inicial para podermos levar este acúmulo para os outros fóruns também. Isto dialoga com a provocação anterior, se os fóruns brasileiros não colocar a formação enquanto um processo, nós temos dificuldades de encaminhar certas coisas.

**Fala 05:** Richard Gomes – Deixar claro qual é o elemento estratégico do Fórum Gaúcho de Economia Popular Solidária referente ao resultado deste projeto. Não é só a confirmação do GT, mas o fórum se reuniu e delega para esse GT a construção da rede como caráter estratégico e que monta esse projeto que é esse processo de construção do sistema de formação para a Economia Popular Solidária no Rio Grande do Sul. Então começa definido com uma discussão concreta e que começa com a qualificação e capacitação de formação de formadores e multiplicadores. Um projeto que vai se desenvolvendo e vamos discutindo com a SENAES para os próximos quatro anos pelo menos do governo Lula, mas para o fórum estratégico pretendemos continuar, dar segmento, mas estaremos discutindo ele, onde começa com a formação de formadores. O papel do fórum enquanto representante político define a construção da rede, tem campo maior, constituir a rede a nível nacional de ter essa visão como prioridade.

**Fala 06:** Elizabete Tamanini - tem toda uma construção que aconteceu, a idéia é utilizar toda essa formatação de experiências como um piloto para pensar as estratégias nacionais também? (isso é uma questão). Se for isso, é interessante porque se tem um guia, algo concreto que se tem para se partir, por outro lado, em que medida essa experiência estimula os outros estados à criação de redes estaduais, ou até que ponto as redes estaduais são interessantes na idéia da ES, da formação e da multiplicação de formadores, porque trabalhamos numa visão não é cosmopolita, mas é de integrar essas diversidades todas, ao invés de estarmos criando redes estaduais, será que não é interessante pensarmos em nível nacional como está composto no documento, e que a na verdade pequenos grupos estaduais de mapeamento mesmo, mas não como substancia estadual. É segmento demais, faz a segregação dos estados, enfim é para estarmos pensando.

**Fala 07: Valmor Schiochet** - Dinâmica de construção estadual, a nossa questão é dos limites das possibilidades que nós sofremos até agora é construindo num processo, agora construção de um processo profissional, qual o desafio, é fazer com que estes processos que levam em consideração essas especificidades possam concluir uma construção nacional. Tratando da questão da formação a nossa ação de formação não se reduz a essa relação com o fórum brasileiro de construção das oficinas, estamos construindo relações com o MEC na educação de jovens e adultos, estamos no programa dos Saberes da Terra, enquanto ES num projeto de formação para 5 mil agricultores.

### 3.5 DIA 08/02/07 (PERÍODO VESPERTINO):

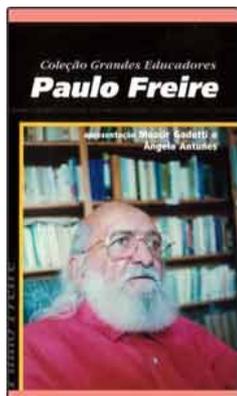
#### 3.5.1 Pauta:

<b>14:00 as 16:00</b>	<p><b>Grupos temáticos.</b>  <b>- Material da oficina nacional - propor alterações ao documento da Primeira oficina Nacional a luz do debate das experiências apresentadas</b>          - Os acúmulos e principais desafios da educação/formação em economia solidária.          Grupo 1 – Princípios para a formação em economia solidária          Grupo 2 – Conteúdos          Grupo 3 – Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular)          Grupo 4 – Relação com as políticas públicas          Grupo 5 – Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores.</p>
<b>16:30 as 18:30</b>	<b>Plenária</b>

Foi apresentado primeiramente um filme sobre a vida e obra de Paulo Freire. (40')

Título: Paulo Freire (Coleção Grandes Educadores) ATTA Mídia e Educação - PAULUS, 2006.

#### Paulo Freire - Coleção Grandes Educadores - ATTA Mídia e Educação - 60'



**Paulo Freire** é considerado mundialmente um dos maiores educadores do século XX. Por uma ousadia até hoje muito pouco praticada: colocar o oprimido como sujeito da sua aprendizagem e da transformação da sua realidade. Criou uma metodologia que insere a leitura do mundo, a liberdade, o diálogo, a aprendizagem significativa para uma educação transformadora e nem, por isso, menos eficiente que a tradicional. Paulo Freire, autor de mais de 25 livros, foi professor nas universidades de Harvard e de Genebra, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A Paulo Freire foi outorgado o título de doutor Honoris Causa em 27 universidades de diversos países. Este vídeo é apresentado por Moacir Gadotti, doutor em Ciências da Educação pela universidade de Genebra, professor da USP, autor de diversos livros e diretor do Instituto Paulo Freire e por Ângela Antunes doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, diretora técnico-pedagógica do Instituto Paulo Freire e autora de várias obras literárias.

Vídeo da Coleção "Grandes Educadores"

### **GRUPO DE TRABALHO 02: GRUPOS TEMÁTICOS**

Os grupos de trabalho foram distribuídos conforme critérios pré-estabelecidos na pauta, ou seja, por temática referente os acúmulos e os principais desafios da educação/formação em economia solidária.

O mesmo foi coordenado pela prof<sup>a</sup>. Dra. Edinara Terezinha de Andrade, no qual explicou o procedimento, que orientados pelo material da oficina nacional, os integrantes dos grupos temáticos propusessem alterações (se necessário fosse) ao documento da Primeira Oficina Nacional a luz do debate das experiências apresentadas. Norteados pelas

seguintes questões: **Que elementos/proposições merecem destaque (são mais significativos)? Que proposições devem ser incorporadas ao texto? Quais as questões controversas ( há discordâncias ou necessidade de aprofundamento)?**

### 3.5.2 Grupos temáticos.

#### 3.5.2.1 Grupo 1 – Princípios para a formação em economia solidária (pág. 15 a 17) (Auditório Frente)

Secretario(a): Marco Antônio Rodrigues

Relator: Roque Ademir Favarin

Integrantes: Edinara Terezinha de Andrade; Márcio André Mazzon; Marco Antônio Rodrigues; Marly Batista Oliveira; Ronei Vieira Lopes; Roque Ademir Favarin.

#### # PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA

##### 1. Que elementos/proposições merecem destaque (são mais significativos)?

- a) Formação integral do ser humano.
- b) Educação para gerar autonomia

##### 2. Que proposições devem ser incorporadas ao texto?

- a) \*Parágrafo 1 – acrescentar condições sócio econômicas...
- b) \*Integrar ao debate a importância do tempo livre;
- c) \*Destacar que o sujeito do conhecimento na ES é o conjunto das pessoas envolvidas neste processo, estendendo-se desde os trabalhadores até os representantes das universidades e outras instituições.
- d) \*A formação se dá no compartilhamento das experiências, na troca de saberes, no diálogo, prática e teoria.
- e) Excluir ou explicar o termo Musa Inspiradora. Pág.16 - 1

##### 3. Quais as questões controversas (há discordâncias ou necessidade de aprofundamento)?

- a) \*dicotomias do processo micro/macro, econômico/político, imediato/histórico, etc.
- b) debater a contradição entre eficácia mercantil dos empreendimentos, eficácia governamental, a sustentabilidade das organizações... e ética da economia solidária

#### 3.5.2.2 Grupo 2 – Conteúdos (pág. 17 a 20)

(Auditório fundos)

Secretario(a): Andrea Viana Faustino -SC (NESOL/UFSC)

Relator: Fernando Anízio – SC (ASA)

Integrantes: Andrea Viana Faustino -SC (NESOL/UFSC)<sup>25</sup>; Vera Lúcia H. Pieritz – SC (ITCP/FURB); Fernando Anízio – SC (ASA); Ana Beatriz Baron Ludvig – SC (BRUSCOR); Richard Gomes – RS (EMREDE); Dagmar da Cunha Salomão

Obs.: no entendimento do grupo, o conteúdo abaixo foi visto a partir das diretrizes principais, devendo posteriormente, ser elaborado um plano de formação detalhando os conteúdos, considerando as partes excluídas deste texto.

<sup>25</sup> [ventolunar\\_andrea@yahoo.com.br](mailto:ventolunar_andrea@yahoo.com.br)

## # CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS NAS FORMAÇÕES EM ECONOMIA SOLIDÁRIA

*Partiu-se da premissa de que todos os CONTEÚDOS devem partir da prática dos empreendimentos e/ou de estudos de casos similares. Discutiu-se também que não se pode separar completamente conteúdos de princípios, de metodologia etc.*

(ACRÉSCIMO) **Colocar como item a) b) História e perspectivas do trabalho emancipatório:**

(ACRÉSCIMO) • **estudar as formações sociais e os modos de produção** (SUPRESSÃO: ~~Abordar a História e as contradições do capitalismo~~) *e da luta dos povos, e dos brasileiros em particular; por sua superação, incluindo a história das formas organizativas alternativas de produção, como o Cooperativismo, o Socialismo e a Autogestão.*

• *Discutir a história da democracia, da constituição paulatina dos direitos sociais e trabalhistas como direitos humanos e da construção de novos direitos.*

• *Estudar a História da Economia Solidária e a Economia Solidária dentro da história.*

(ACRÉSCIMO) \* **Relação de gênero, raça e etnia.**

(ACRÉSCIMO) **b) O que se refere a conceitualização de Economia Solidária, com os seguintes aspectos:**

(ACRÉSCIMO) \* **desenvolvimento local sustentável, com ênfase na questão ambiental;**

(ACRÉSCIMO) \* **princípios de solidariedade e cooperação.**

\* *O que é Autogestão – partindo de estudos de caso: Explicar os princípios, os processos e os instrumentos de tomada de decisão coletiva, incluindo sua forma de organização.*

SUPRESSÃO: ~~hierarquia.~~

(ACRÉSCIMO) **colocar este item como c) a) Constituição e organização** (ACRÉSCIMO) **dos segmentos da economia solidária** (SUPRESSÃO: ~~empreendimentos solidários, tendo a Autogestão como princípio~~): *Discutir o que são e como se organizam:*

\* (ACRÉSCIMO) **Empreendimentos econômico solidários e suas organizações:** *Cooperativas, associações, empresas* (ACRÉSCIMO) **autogestionárias, redes de empreendimentos econômicos, trocas solidárias e outras formas de organização do trabalho** (SUPRESSÃO: ~~grupos produtivos informais.~~);

\* (ACRÉSCIMO) **Entidades e organizações da sociedade civil: entidades de fomento e apoio a Economia Solidária, outras organizações da sociedade civil e movimentos sociais e populares;**

\*(ACRÉSCIMO) **Poder público (Federal, Estadual, Municipal e Distrito Federal): gestores, administradores públicos, Poder Legislativo, Poder Judiciário**

(SUPRESSÃO: ~~o restante do texto~~)

(SUPRESSÃO: ~~Discutir como são convocadas, como são eleitas e como funcionam cada uma dessas instâncias. • Assembléia: feitas para a tomada de decisões estratégicas como a eleição de dirigentes, aprovação de contas, inclusão e exclusão de membros, alteração estatutária, etc; • Plenárias: instância de socialização de ações setoriais (das Comissões Temáticas, por exemplo). Frequência sugerida: mensal. • Reuniões de Comissões Temáticas/Grupos de trabalho: se relacionam com a operacionalização do dia-a-dia dos empreendimentos. Sua composição e frequência de encontros variam de empreendimento para empreendimento.-)~~

d) (ACRÉSCIMO) **Relações objetivas e subjetivas** (SUPRESSÃO: *Relações intersubjetivas*) no trabalho: discutir os conflitos, o que estes podem significar para o desenvolvimento do empreendimento solidário, quais suas motivações mais usuais (divisão de ganhos, autoritarismo, questões de gênero/geração/etnia, desconfiança, distribuição de tarefas etc.). Discutir as possibilidades de superação dos conflitos, (SUPRESSÃO: entendendo que sua existência é natural e sua resolução é possível, quando: 1- ~~Entendem-se os limites individuais e coletivos. Reconhece-se, do mesmo modo, que o talento de cada um é um patrimônio coletivo. Fazem-se dinâmicas de integração do grupo e de expressão dos sentimentos de modo não-agressivo. Estabelecem-se regimentos das relações e das atividades, com definição clara de objetivos de cada um e do coletivo. Discute-se a necessidade de superação da relação patrão/empregado que está no imaginário de muitos. Os conflitos só podem ser superados com acordos: discutir o que significam e como se constroem. Discutir o fenômeno da Liderança; entender os alcances e limites da ação dos líderes para o bem do coletivo; estudar como socializar esse papel com os demais membros do empreendimento.)~~

(SUPRESSÃO: g) ~~Processos de incubação, constituição de redes, complexos cooperativos, centrais de comercialização: Partir de estudos de casos e definir o que é, qual a importância e qual o papel de cada um desses atores.)~~

(ACRÉSCIMO) **colocar como item g) h) Viabilidade, sustentabilidade e gestão administrativa: a formação em Economia Solidária também precisa abarcar as questões operacionais visando à qualidade dos produtos e serviços ofertados pelos empreendimentos e buscando o selo de certificação de produtos e serviços da Economia Solidária.**

- Plano de negócios.
- Plano de ação.
- Captação de recursos.
- Controles contábeis e rotinas administrativas. 2
- Entendimento da cadeia do produto.
- Sustentabilidade como elemento de viabilidade.
- Processo de planejamento, monitoramento, avaliação e sistematização.

(ACRÉSCIMO) **\*mercado: comercialização, redes de comercialização, feiras, trocas solidárias, moeda social.**

i) *Outros temas/ conteúdos a serem abordados nos processos formativos:* • Comunicação interna e comunicação para a mobilização social (como trabalhar conteúdos de massas? Qual/como se dá a formação para sociedade como um todo?). • Inclusão digital. • Elaboração de projetos. • Acesso ao crédito. • Cadeias produtivas e APLs. • Consumo ético. • Saúde e segurança do trabalhador. Obs.: Incluir a questão da arte e da cultura como fundamento da técnica e da prática política.

e) *O marco jurídico da Economia Solidária* • O direito da Economia Solidária – o que vem sendo construído? • Formas jurídicas da Constituição Federal que nos dizem respeito (arts. 5 e 7), do Código Civil (arts. 45 a 63), da Lei das Cooperativas, da Lei das OSCIPs etc. • Estudar as relações contratuais de trabalho. • Legislação tributária.

f) *Entender a participação cidadã e o controle social nas políticas públicas como processo inerente ao desenvolvimento da Economia Solidária:* • O que é controle social. • Para que servem e como acessar cada um dos instrumentos de participação cidadã. Exemplos: Fórum Brasileiro de Economia Solidária, Fórum de combate à violência, Conselhos setoriais: da criança e do Adolescente etc. • Os instrumentos jurídicos que favorecem à

*participação cidadã: lei de iniciativa popular, referendo, plebiscito, audiências públicas, orçamento participativo;*

**3.5.2.3 Grupo 3 – Metodologias (envolvimento dos sujeitos da ES, organização curricular) (pág. 20 a 25)**

(Sala 4)

Secretario(a): Carina Soares – SC

Relator: Geraldine M. Vieira – PR

Integrantes: Carina Soares – SC; Luciana Barros Roldão – PR; Geraldine M. Vieira – PR; Sônia Maria Ferreira – RS; Ieda Zimmermann - RS

**# ELEMENTOS METODOLÓGICOS**

C) Fundamentos

- (ACRÉSCIMO) Inserir entre o 3 e 4 ponto: **O formador tem o papel de facilitador nos processos formativos em ES.**
- 4 ponto/ (...) *Os métodos devem adequar a satisfação do indivíduo com a satisfação coletiva, levando em conta os princípios da ES e os aspectos econômicos, sociais, ambientais, culturais, psicológicas, (ACRÉSCIMO) políticas e organizacionais*
- (ACRÉSCIMO) **Os caminhos metodológicos devem ser construídos e reconstruídos numa relação solidária com os sujeitos envolvidos no processo.**
- 6 ponto/ (...) *O espaço social de interação e de construção coletiva dos saberes – (ACRÉSCIMO) prático e intelectual – encontram-se na prática pedagógica do apre(e)nder a ES.*
- (ACRÉSCIMO) Inserir entre o ponto 6 e 7: **Todo processo ou intervenção formativa nos grupos devem partir de um diagnóstico participativo construído junto a esses grupos.**
- 8 ponto/ *As relações de confiança partem da ‘cumplicidade ética’ entre os diferentes grupos sociais (empreendimentos, (ACRÉSCIMO) entidades de apoio, gestores públicos comprometidos com a ES) na luta por uma sociedade solidária nas suas estruturas econômicas, políticas, culturais e sociais. (...)*
- *A metodologia deve (ACRÉSCIMO) motivar a integração entre a produção coletiva do conhecimento e as mudanças desejadas (ACRÉSCIMO) (produção, tecnologia, comercialização e consumo) como ferramenta de superação da fragmentação da sociedade capitalista, se apropriando de todo o processo socioproductivo.*

D) Sujeitos da ação educativa

(SUPRESSÃO): ~~‘Outros trabalhadores’~~<sup>2</sup>

- *Representantes de instituições (ACRÉSCIMO) e/ou entidades de fomento.*
- (ACRÉSCIMO) **Rede de formadores (ACRÉSCIMO) e multiplicadores.**

E) Espaços de Formação

- *A diferenciação de lugar social de quem faz e fala como mediação dos processos de autoformação dos grupos (assessorias, gestores públicos, lideranças, etc. por meio de oficinas, encontros, redes, feiras, movimentos sociais, fóruns, etc) não pode servir para distanciar os empreendimentos de menor poder de articulação. (SUPRESSÃO): ~~o final.~~*

- *Deve-se avaliar a adequação (ACRÉSCIMO) da estrutura física do local para dinâmicas que facilitem a troca e a participação autogestionada. Priorizar os espaços de trabalho e convívio dos grupos para os processos de formação.*

#### F) Prazos

- (ACRÉSCIMO) **Os prazos devem considerar os objetivos e estratégias de formação, as condições e a realidade do empreendimento e da comunidade em que se insere, a partir do diagnóstico participativo.**

Obs. Será revisto

#### G) Organização Curricular

- *Item III - Os conteúdos da prática educativa em Economia Solidária devem valorizar as experiências e lutas dos trabalhadores e das comunidades bem como os conhecimentos acumulados, considerando o micro e o macro, teoria e prática como elementos interativos na vida social e econômica dos envolvidos no processo.*

#### i) Técnicas

- (ACRÉSCIMO) **Atividades lúdicas para integração e expressão das realidades do grupo.**

### 3.5.2.4 Grupo 4 – Sistematização, avaliação e elaboração de indicadores. (pág. 25 a 26 – anexo 5)

(Sala 02)

Secretario(a): Paulo Cezar Padilha – ITCP/Unochapecó

Relator(a): José Inácio Konzen – CAMP

Integrantes: José Inácio Konzen – CAMP; Paulo Cezar Padilha – ITCP/Unochapecó

## # A SISTEMATIZAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS SOLIDÁRIAS

### 1. Que elementos/proposições merecem destaque (são mais significativos)?

- a) A reflexão da práxis;
- b) Disseminadora dos conhecimentos produzidos (como? para quê?);
- c) Preservar a memória histórica das experiências vividas pelos trabalhadores;
- d) Ser processual, permanente e autocrítico;

### 2. Que proposições devem ser incorporadas ao texto?

- a) Questão dos indicadores:
  - A partir da sistematização das experiências como elaborar ou reelaborar indicadores que de fato apontem para a avaliação da formação
- b) Disseminadora dos conhecimentos produzidos (o que? como? para quê?);
  - Auto crítica enquanto organização/empreendimento;
  - Aporte para outras organizações/experiências;
  - Como estratégia para publicização (tornar público) as ações do movimento de ES.
- c) Participação no processo de sistematização de todos os sujeitos

### 3. Quais as questões controversas (há discordâncias ou necessidade de aprofundamento)?

- a) Ser processual, permanente, autocrítico e relativo ao momento;
- b) Sugestão para indicadores de material didático:
  - Não fica claro a que material se refere;

### 3.5.2.5 Grupo 5 – Relação com as políticas públicas (26 a 29)

(Cantina)

Secretario(a): Graziela Luisa de Lima

Relator: Erasmo Pavesi – SC(ANTEAG)

Integrantes: Erasmo Pavesi; Graziela Luisa de Lima; José Alex B. Mendes; Luiz Francisco Teixeira; Rosiany Maria daSilva

## # ELEMENTOS PARA UMA POLÍTICA PÚBLICA DE FORMAÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA

### 1. Que elementos/proposições merecem destaque (são mais significativos)?

- a) Item a) pág. 27

### 2. Que proposições devem ser incorporadas ao texto?

- a) Políticas Públicas do Governo Federal que venham garantir o fomento da ES nos Estados e municípios através da formação;
- b) Criar espaços públicos de discussão da ES, nos Estados e municípios, que possam garantir minimamente uma agenda da ES;
- c) Política de Formação articulada em três pontos específicos:
  - a. Campanha de massificação da ES;
  - b. Uma legislação definida sobre ES;
  - c. Adoção de um selo de certificação.
- d) Em todos os planos de capacitação do Governo Federal, com ênfase no FAT, inserir uma carga horária significativa sobre ES.

### 3. Quais as questões controversas (há discordâncias ou necessidade de aprofundamento)?

- A equipe não conseguiu desenvolver este item, por falta de tempo.

### 3.5.3 Plenária

Após o desenvolvimento das tarefas do “*Grupo de Trabalho 02: grupos temáticos*”, os mesmos reuniram-se no auditório para explanação de seus resultados. No qual foram alcançados os objetivos propostos.

Nos quais os participantes relataram dentro de suas temáticas alguns proposição que merecerão maior destaque, ou seja, aqueles mais significativos, além de realizar algumas proposições (acréscimos) que devem ser incorporadas ao texto. Integrando ainda em suas apresentações todas as questões controversas, ou seja, questões que evidenciam a necessidade de aprofundamento e discussão.

É importante destacar que após cada apresentação, os demais participantes da plenária (de uma forma coletiva) questionavam, debatiam e corrigiam os trabalhos apresentados.

### Debate entre os participantes.

<b>3.6 DIA 09/02/07 (PERÍODO MATUTINO):</b>
---

**3.6 DIA 09/02/07 (PERÍODO MATUTINO):****3.6.1 Pauta:**

Horas	Atividade
<b>8:30 as 10:00</b>	- Contribuições para a elaboração de uma estratégia nacional de formação/educação em ES Trabalhos em Grupos: subsídio Documento Final da Primeira Conferência Nacional de ES
<b>10:30 as 12:00</b>	Plenária
<b>12:00 as 13:00</b>	Avaliação e Encaminhamentos para o Encontro Nacional

**GRUPO DE TRABALHO 03: POR ESTADO**

Os grupos de trabalho foram distribuídos conforme critérios estabelecidos pela coordenadora da Oficina, a Prof<sup>a</sup>. Dra. Edinara Terezinha de Andrade, no qual explicou o procedimento, ou seja, os integrantes da “*Oficina de Formação em Economia Solidária da Região Sul*” formaram três grupos (por Estado – Grupos de RS, SC e PR), no qual deveriam:

1) Ler e discutir os seguintes itens do Documento da Conferência: Fundamentos da Economia Solidária (pág. 57 s 60); Formação, assistência técnica e tecnológica; (pág. 71); E a partir da leitura apontar os desafios (mais imediatos).

2) Rede de Formadores (caráter, critérios para integrar e encaminhamentos para a região sul);

3) Encontro Nacional:

a) Sugestões para o encontro: Temas e metodologia;

b) Definição dos participantes da oficina regional para a nacional: 2 por estado

Além de sistematizar e responder as questões solicitadas.

Na seqüência houve uma plenária de exposição dos resultados dos trabalhos dos cinco grupos.

**3.6.2 Contribuições para a elaboração de uma estratégia nacional de formação/educação em ES:** Trabalhos em Grupos: subsídio Documento Final da Primeira Conferência Nacional de ES

<b>3.6.2.1 GRUPO DE SANTA CATARINA</b>
--

Secretário(a): Andrea Viana Faustino -SC (NESOL/UFSC)

Relator(a): Andrea Viana Faustino -SC (NESOL/UFSC)

Integrantes: Erasmo Pavesi, Andreia Faustino, Graziela Luisa de Lima, Roque Ademir Favarin, Ana Beatriz Baron Ludvig, Edinara Terezinha de Andrade, Paulo Cezar Padilha, Vera Lúcia Hoffmann Pieritz, Fernando Anízio.

**ATIVIDADES**

**1) Ler e discutir os seguintes itens do Documento da Conferência: A partir da leitura apontar os desafios (mais imediatos)**

a) **Fundamentos da Economia Solidária – pág. 57 s 60; e Formação, assistência técnica e tecnológica; pág. 71**

**Desafios:**

- Transformar a mentalidade cultural dominante de competição para a construção do espírito de cooperação;
- Com base nos fundamentos apontados no eixo temático 1 da 1 CONAES, como a Economia Solidária pode ser uma política de estado prioritária, com orçamento próprio para formação;
- Rever o papel dos agentes de desenvolvimento e fazer com que os agentes de Desenvolvimento Local se insiram no movimento da Economia Solidária, principalmente nas ações dos Fóruns;
- Respeitar os fóruns estaduais como instâncias deliberativas do movimento da ES;
- Elaborar conteúdo programático básico detalhado que sirva como subsidio para as atividades de formação, tanto para os formadores quanto para o público-alvo;
- Estabelecer aproximação com o Estado para verificar a inclusão da formação em economia solidária na educação formal;
- Unificar os centros de formação e comunicação da economia solidária, nos centros de referência, e ainda que as estruturas já existentes apropriem-se da formação em ES;

**2) Rede de Formadores (caráter, critérios para integrar e encaminhamentos para a região sul):**

a) **Caráter:**

A rede de formadores deve ser caracterizada como uma política de Estado, com garantias orçamentárias, porém descentralizada, e coordenada pelos Fóruns Estaduais.

b) **Critério:**

Os participantes da rede de formadores devem ter acúmulo de experiências em Economia solidária;

As experiências de formação devem ser reconhecidas e/ou indicadas pelos fóruns regionais e estaduais para participar da rede de formadores.

c) **Encaminhamentos:**

- Mapear as entidades e experiências que possuem acúmulo de experiências nas atividades de formação em Economia solidária;
- Estabelecer parceria com o MEC;
- Criar programa nacional de formação para multiplicadores em Economia Solidária;

**3) Encontro Nacional:**

a) **Sugestões para o encontro: Temas e metodologia:**

- **Temas:** Construção do Programa Nacional de Formação para multiplicadores em Economia Solidária
- **Sub-tema:** educação popular e economia solidária
- **Metodologia:** utilização de metodologias participativas, oportunizando a incorporação de técnicas como jogos cooperativos, mediação e outras dinâmicas.

b) **Definição dos participantes da oficina regional para a nacional: 2 por estado**

- Participantes: Ana Beatriz Baron Ludvig (BRUSCOR) representando os empreendimentos; Fernando Anízio (ASA) representando as Entidades.
- 1º Suplente: Erasmo Pavesi (ANTEAG)
- 2º Suplente: Graziela Luisa de Lima (CONSULADO DA MULHER)

### **3.6.2.2 GRUPO DO PARANÁ**

Secretario(a): Carina Soares - SC

Relator(a): Marly Batista Oliveira

Integrantes: Geraldine M. Vieira, Sônia Maria Ferreira, Rosiany Maria da Silva, Marly Batista Oliveira e Dagmar da Cunha Salomão

#### **ATIVIDADES**

#### **1) Ler e discutir os seguintes itens do Documento da Conferência: A partir da leitura apontar os desafios (mais imediatos)**

##### **a) Fundamentos da Economia Solidária –pág. 57 s 60;**

###### **Desafios:**

- Desconstrução da lógica do mundo do trabalho capitalista, relação patrão – empregado e competição;
- Desafio urgente é o imediatismo, urgência de suprir as necessidades;
- Diferença dos tempos: dos envolvidos do processo (parceiros), do grupo;
- Despertar a consciência para o trabalho em cooperação;
- Desenvolver a sensibilidade em respeito às culturas, a diversidade, as características especiais de cada ser humano, (inicia com os formadores);
- Socialização dos recursos para viabilizar as ações da ES.

##### **b) Formação, assistência técnica e tecnológica; pág. 71**

###### **Desafios:**

1. Que as instituições que façam formação em ES não reproduzam a lógica burocrática e hierárquica das outras organizações;
2. Garantir a ES em política pública;
3. Criar mecanismos de fortalecimento das varias instâncias de participação da sociedade civil e dos movimentos que estão focados na defesa da ES para que esta seja um desejo da sociedade em adotar a ES como alternativa como um novo modelo.

#### **2) Rede de Formadores (caráter, critérios para integrar e encaminhamentos para a região sul):**

- a) Formação de educadores conscientes, sensíveis, disponibilidade e que respeite todos os princípios;
- b) Atuar em ES, criar mecanismos para avaliar;
- c) Compromisso com a continuidade na participação do processo de formação de formadores e como multiplicador desse processo.

#### **3) Encontro Nacional:**

**c) Sugestões para o encontro: Temas e metodologia:**

- **Temas:** Políticas Públicas
- **Metodologia:** troca de experiências, momento de troca e métodos de forma lúdico, apresentações (mini oficinas de experiências compartilhadas).

**d) Definição dos participantes da oficina regional para a nacional: 2 por estado**

- Participantes: Marly Batista Oliveira e Rosiany Maria da Silva
- 1º Suplente: Geraldine M. Vieira;
- 2º Suplente: Sônia Maria Ferreira

<b>3.6.2.3 GRUPO DO RIO GRANDE DO SUL</b>
---

Secretario(a): Ieda Zimmermann

Relator(a): Richard Gomes

Integrantes: Richard Gomes, Luciana Barros Roldão, Ieda Zimmermann, Marco Antônio Rodrigues, José Alex B. Mendes, José Inácio Konzen, Luiz Francisco Teixeira e Ronei Vieira Lopes

## ATIVIDADES

**1) Ler e discutir os seguintes itens do Documento da Conferência: A partir da leitura apontar os desafios (mais imediatos)**

**Fundamentos da Economia Solidária –pág. 57 s 60;**

**Desafios:**

- A matéria para ser processada nos Fóruns, e posteriormente servir de subsídio para de formação;
- Socialismo também é uma sociedade de classe;

**Formação, assistência técnica e tecnológica; pág. 71**

**Desafios:**

- O desafio estratégico para formação e constituir uma política pública institucionalizada enquanto movimento da ES precisa construir uma estratégia de formação que articula uma estrutura física própria, uma rede de formadores e a elaboração política que orienta essa formação.
- É necessário um eixo de atividade relativo à elaboração de conteúdos novos necessário para ES.

**2) Rede de Formadores (caráter, critérios para integrar e encaminhamentos para a região sul):**

Pessoas com perfil que tenham condições de priorizar a formação, pois terão que articular elaborar e realizar a formação;

**3) Encontro Nacional:**

**Sugestões para o encontro: Temas e metodologia:**

- **Temas:** xxxxxxxx

- **Metodologia:** xxxxxxxx

### **Definição dos participantes da oficina regional para a nacional: 2 por estado**

- Participantes: Richard e José Inácio
- 1º Suplente: Marco e Alex

### **3.6.3 Plenária**

Após os trabalhos, discussões, reflexões e análises dos “*Grupos de Trabalho 03: Por Estado*”, os mesmos reuniram-se no auditório para explanação de seus resultados. No qual trazem elementos que contribuirão para a elaboração de uma estratégia nacional de formação/educação em ES, além de que estes trabalhos poderão subsidiar no desenvolvimento do Documento Final da Conferência Nacional de ES.

Reforçando que todos os integrantes da plenária (de uma forma coletiva) questionavam, debatiam e corrigiam os trabalhos apresentados.

Debate:

**Fala 01:** Erasmio Pavesi - A palavra ES começou a ser abrangente, muitos teóricos afastaram a palavra socialismo, se não vamos ser rejeitados. A palavra ES abraange, a palavra autogestão, não era da ES, o próprio conceito existe a anos, no Brasil mesmo a ES começou a agir forte nas empresas recuperadas. Achamos a ES como a melhor, com princípios, uma sociedade solidária que tem semelhança com o socialismo.

**Fala 02:** José Inácio Konzen – A discussão que fizemos no grupo era referente ao documento, este aqui é o documento resultante da conferencia, portanto não está colocado para nós alterar o texto, entendemos que aqui tem uma elaboração bastante clara e completa de entendimento de princípios, objetivos e estratégias políticas enquanto concepção de que estado, sociedade a ES se propõe. Está colocado que a ES enquanto movimento é processar essa discussão nas suas instancias, portanto esse indicativo de que o Fórum Brasileiro enquanto Fórum Nacional, Fórum Estadual vão ter que pegar e processar essas discussões, terá que avaliar, no caso que se fez uma recomendação de conceitos. Essa discussão o Fórum tem que fazer e em consequência se o fórum confirma essa elaboração, o mesmo terá que pensar numa forma de como irá processar essa concepção para toda a sua base. Se o Fórum enquanto movimento social assumi, o que foi decidido passa a ser um subsidio fundamental para o processo de formação. Uma questão a ser vista em relação ao item 2, não é uma rede de pessoas mapeadas que de alguma forma trabalham com formação, não, vão ter que ser pessoas que tem perfil de formador e que tenham condições de priorizar a formação, porque terão que articulara a formação, terão que fazer a elaboração estratégica junto aos outros diligentes e vão ter que realizar a formação. De fato terão que ser pessoas que não priorizando, mas terão que se dedicar a formação.

**Fala 03:** Marco Antônio Rodrigues - O que me chamou a atenção é a importância que está bem subordinado a idéia de estrutura e a idéia de desenvolvimento. Que a estrutura está bem sintonizada e ter uma proporção no sentido de desenvolver o movimento. Importância que a Economia Popular Solidária é um fato novo e muito grande e pesado, chega a ter recorrências digamos teórica que implica em não termos a pretensão só organizando conteúdos existentes para a socialização na formação, mas de termos um tempo, uma linha inteira de atividade, de termos uma dedicação especifica para elaboração, precisamos elaborar nossos conceitos, elaborar o encaixe das novas coisas com as velhas.

**Fala 04: José Inácio Konzen** – Quando falamos de uma forma simplificada em criar condições significa que não dá para construir uma rede por abrir inscrições para quem está interessado em construir a rede, entendo que tem que ser um processo discutido, articulado com o fórum, discutido com as entidades onde vai se buscar recurso público, mas onde as entidades deverão entrar com parte dessa viabilização, ou seja, principalmente os formadores, entidades, universidades, terão que fazer uma discussão em que medida tem interesse e pessoas com perfil e que condições tem para que essas pessoas venham priorizar as atividades dessas redes. Há de combinar esse processo, e portanto não é simplesmente está aberto inscrições para a rede, porque parece que não vai funcionar, tem um papel estratégico, inclusive a questão da relação com os fóruns, vai ter o papel de sensibiliza e levar o fórum a fazer algumas discussões estratégicas.

**Fala 05: Richard Gomes** – tem uma discussão na definição da representação e nós do RS vamos discutir a viabilidade de bancar a ida dos suplentes para participarem da oficina nacional. Pensamos que é importante a participação dos outros representantes. Queremos deixar registrado que iremos solicitar essa participação. Vamos levar a discussão para o Fórum, lá mesmo o GT e vamos fazer essa discussão.

**Fala 06: Edinara Terezinha de Andrade** – O único impedimento que vejo é que se algumas entidades pensarem em levar mais pessoas, o fórum não será mais para trinta pessoas, vai ser para setenta. Se ninguém mais levar essa proposta acho que não terá problema.

### **3.6.4 Avaliação e Encaminhamentos para o Encontro Nacional**

A avaliação foi construída coletivamente, através de uma dinâmica, que correlacionou com a dinâmica de apresentação inicial. Ministrada pela coordenadora da oficina. Iniciando com a explicação do funcionamento da mesma. No qual todos(as) os(as) participantes da oficina deveriam analisar se encontraram, e como encontraram no encontro o seu significado inicial (a palavra escolhida). Na seqüência aleatoriamente cada integrante da “*Oficina de Formação em Economia Solidária da Região Sul*” expôs sua opinião

A “*Oficina de Formação em Economia Solidária da Região Sul*” encerrou-se com um forte abraço coletivo.

#### **3.6.4.1 Pontos Positivos**

- Trabalho coletivo (participação);
- Comprometimento e dedicação aos trabalhos;
- Crescimento, momento rico com discussões;
- Troca de experiências nos grupos;
- Processo de construção, debates;
- Organização do espaço físico;
- Solidariedade, respeitar as diferenças.

#### **3.6.4.2 Pontos Negativos**

- Disciplina (horários dos trabalhos);
- Poucas experiências apresentadas.
- Concentração das discussões apenas na teoria.

## ANEXO I

**LISTA DE PARTICIPANTES DA OFICINA DE FORMAÇÃO EM ECONOMIA  
SOLIDÁRIA DA REGIÃO SUL**

**GOVERNADOR CELSO RAMOS -SC - 07 A 09 DE FEVEREIRO DE 2007**

<b>Oficina de formação sobre economia solidária – Região Sul</b>		
<b>Nome</b>	<b>Telefone</b>	<b>E-mail</b>
Ana Beatriz Baron Ludvig		
Andreia Viana Faustino	(48) 8814-3906 /3331-6657	<a href="mailto:ventolunar_andrea@yahoo.com.br">ventolunar_andrea@yahoo.com.br</a>
<b>Carina Soares</b>		
<b>Dagmar da Cunha Salomão</b>	(41) 9991-3433	<a href="mailto:arnaldogilberti@hotmail.com">arnaldogilberti@hotmail.com</a>
<b>Edinara Terezinha de Andrade</b>		<a href="mailto:edinara@furb.br">edinara@furb.br</a>
<b>Erasmus Pavesi</b>		<a href="mailto:epavesi@hotmail.com">epavesi@hotmail.com</a>
<b>Fernando Anízio</b>	(48) 3224-8776	<a href="mailto:fernandoanizio@zipmail.com.br">fernandoanizio@zipmail.com.br</a>
<b>Geraldine M. Vieira</b>	(41) 3310-2618	<a href="mailto:denisem.vieira@gmail.com">denisem.vieira@gmail.com</a>
<b>Graziela Luisa de Lima</b>	(47) 9949-4937 /3433-3773	<a href="mailto:graelaluisa@yahoo.com.br">graelaluisa@yahoo.com.br</a>
<b>Idalina Maria Boni</b>		<a href="mailto:fionobre@terra.com.br">fionobre@terra.com.br</a>
<b>Ieda Zimmermann</b>	(51) 3334-8823 8491-7639	<a href="mailto:verarteb@terra.com.br">verarteb@terra.com.br</a>
<b>José Alex B. Mendes</b>	(51) 9655 -1275	<a href="mailto:elto_santos@hotmail.com">elto_santos@hotmail.com</a>
<b>José Inácio Konzen</b>	(51)3212-6511	<a href="mailto:josekonzen@camp.org.br">josekonzen@camp.org.br</a>
<b>Luciana Barros Roldão</b>	(53) 8402-9448	<a href="mailto:roldaolb@yahoo.com.br">roldaolb@yahoo.com.br</a>
<b>Luiz Francisco Teixeira</b>	(51) 8461-5263	<a href="mailto:luiz_pt@hotmail.com">luiz_pt@hotmail.com</a>
<b>Márcia T.M. Souza</b>		
<b>Márcio André Mazzon</b>	(54) 3312-9647 /9156-9959	<a href="mailto:marciomazzon@ig.com.br">marciomazzon@ig.com.br</a>
<b>Marco Antônio Rodrigues</b>	(51) 9865-8069	<a href="mailto:bonuma@portoweb.com.br">bonuma@portoweb.com.br</a>
<b>Marly Batista Oliveira</b>	(41) 3015-9282	<a href="mailto:marlybo@pop.com.br/familialegal@familialegal.org.br">marlybo@pop.com.br/familialegal@familialegal.org.br</a>
<b>Paulo Cezar Padilha</b>	(49) 9977-6855	<a href="mailto:pafilos@gmail.com">pafilos@gmail.com</a>
<b>Richard Gomes</b>	(51) 92261521	<a href="mailto:richard-emrede@bol.com.br">richard-emrede@bol.com.br</a>
<b>Ronei Vieira Lopes</b>	(55) 3223- 1690/9973-6675	<a href="mailto:roneilopes@gmail.com">roneilopes@gmail.com</a>
<b>Roque Ademir Favarin</b>	(49) 3536-0115	<a href="mailto:prafarin@yahoo.com.br">prafarin@yahoo.com.br</a>
<b>Rosana Kirsch</b>		<a href="mailto:rosanak@fbes.org.br">rosanak@fbes.org.br</a>
<b>Rosiany Maria da Silva</b>	(44) 9924-7262	<a href="mailto:rosiany777@hotmail.com">rosiany777@hotmail.com</a>
<b>Sônia Maria Ferreira</b>	(43) 9966-5226	<a href="mailto:fmrpsico@yahoo.com.br">fmrpsico@yahoo.com.br</a>
<b>Valmor Schiochet</b>		<a href="mailto:valmor.schiochet@mte.gov.br">valmor.schiochet@mte.gov.br</a>
<b>Vera Lúcia Hoffmann Pieritz</b>	(47) 9983-0537	<a href="mailto:vera_pieritz@yahoo.com.br">vera_pieritz@yahoo.com.br</a>

*ANEXOII***PAINEL DA OFICINA DE FORMAÇÃO EM ECONOMIASOLIDÁRIA DA  
REGIÃO SUL**

*ANEXOIII*

**SIGNIFICAÇÃO  
DA OFICINA DE FORMAÇÃO EM ECONOMIA SOLIDÁRIA DA REGIÃO SUL  
PARA OS PARTICIPANTES**

